



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE INTEGRAÇÃO DE AULAS - CIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUIS ANTÔNIO GALDINO FERREIRA

**ENTRE FUNDAMENTALISTAS E RENOVACIONISTAS:
O CISMA CONGREGACIONAL DE 1967**

**CAMPINA GRANDE
2019**

LUIS ANTÔNIO GALDINO FERREIRA

**ENTRE FUNDAMENTALISTAS E RENOVACIONISTAS:
O CISMA CONGREGACIONAL DE 1967**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História

Área de concentração: História Local.

Orientador(a): Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383e Ferreira, Luis Antônio Galdino.
Entre fundamentalistas e renovacionistas [manuscrito] : o
cisma congregacional de 1967 / Luis Antonio Galdino
Ferreira. - 2019.
68 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Luira Freire Monteiro ,
Departamento de História - CEDUC."
1. Protestantismo. 2. Igreja congregacional. 3. História das
religiões. I. Título
21. ed. CDD 280.4

LUIS ANTÔNIO GALDINO FERREIRA

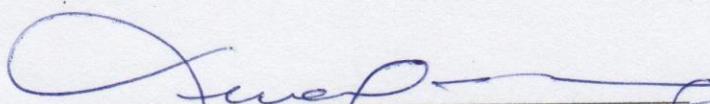
ENTRE FUNDAMENTALISTA E RENOVACIONISTAS:
O CISMA CONGREGACIONAL DE 1967

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Graduação em Licenciatura
Plena em História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de licenciado em História

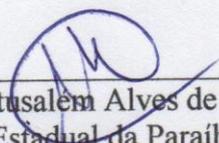
Área de concentração: História Local

Aprovada em: 29/06/2019

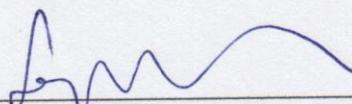
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Matusalem Alves de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Lucira Freire Monteiro
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

A minha esposa, e demais familiares pela amizade e apoio, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus Eterno Invisível mais real, que subsiste em três pessoas o Pai Criador de todas as coisas, o Filho salvador de todos os homens e ao Espírito Santo meu guia e condutor de todas as horas.

À minha amada esposa Isadora Kaline Camelo Pires de Oliveira Galdino, pelo seu apoio e paciência e constantes motivações nos momentos críticos da caminhada acadêmica.

Ao meu precioso filho Esdras Camelo Pires de Oliveira Galdino, que mesmo não tendo o discernimento claro dos acontecimentos ao seu redor, precisou conviver com nossa ausência em face das atividades universitárias, a quem certamente compensarei com amor e carinho.

À minha querida mãe Rosa Galdino, instrumento do Eterno na concepção de minha vida! A quem devo os mais precisos ensinamentos, minha eterna gratidão!

Aos meus familiares, em especial minha sogra Francisca Camelo Pires de Oliveira, pelo apoio constante e auxílios imensuráveis para conclusão dessa etapa de minha vida.

À professora Luíra Freire Monteiro, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pelo apoio irrestrito desde os primeiros momentos do início das pesquisas, a senhora é um farol no Departamento de História.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em História da UEPB, que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos membros das Igrejas Congregacionais de Campina Grande, em especial os de minha igreja que me concederam autorização para pesquisar nos arquivos das igrejas nossas fontes históricas, como aos depoentes pelo apoio na concessão de informações preciosas.

“Busque luz na mente, e fogo no coração”
(Rev. Jonathan Edwards, 1703-1727)

RESUMO

A pesquisa se voltou para o cisma ocorrido no ano de 1967, na Igreja congregacional do Brasil, ante o movimento de renovação de suas práticas litúrgicas e o embate com os conservacionistas, e tem, como principal abordagem este evento no contexto da igreja em Campina Grande, que na época ostentava o maior número de membros de toda América Latina. Objetiva, assim, lançar luz sobre fatos ignorados pela historiografia acadêmica em torno das contribuições do protestantismo para a sociedade local. Ancora-se, metodologicamente, na revisão bibliográfica de trabalhos que abordaram o acontecimento a nível mais amplo, e na análise crítica de documentos variados (atas, fotos, jornais) assim como na coleta de depoimentos de variadas pessoas envolvidas no evento, na época de seu acontecimento. À guisa de conclusão, verificamos que a história do congregacionalismo campinense é marcada por momentos apoteóticos de grandeza, mas reúne crises agudas que se repetem no percurso de sua história. Não temos a pretensão de corrigir os erros passados, embora acreditemos que, por meio do relato histórico, injustiças possam ser reparadas e novos olhares construídos sobre o protestantismo campinense e congregacional, uma vez que vozes nunca antes ouvidas puderam falar.

Palavras-Chave: Protestantismo. Congregacionalismo. Cisma. Campina Grande.

ABSTRACT

The research is divided in five chapters, which will be explained about the source of Congregationalist tradition inside in the process of Protestant Reformation in the seventeenth century and the development in english universe as well as process insertion in Brazil of the nineteenth century resulting on the introduction of the Reformed faith in Campina Grande city in the 1920. The theme proposed and the epoch contemplated accurately the agitations and schism in the Congregational Church in the year 1967, with its mediatic repercussion and effects in the social and religious area of the city. The objective of this research is to show knowledge about ignored facts by academic historiography about the contributions of Protestantism in local society, we had as methodology the bibliographies reviews that already exists and exploration of documents that never been searched or analyzed, use newspaper articles of epoch and oral report of individuals who experienced the period. We can conclude based on the theoretical supports of historiography and analysis of available sources that the history of campinense congregationalism is marked by apotheosis moments of greatness, but rejoin acute crisis that are repeated in the course of its history. We do not pretend to correct the past mistakes, but we believe that through the historical report, injustices can be repaired and new visions can be built about campinense and congregational Protestantism, since voices never heard before could speak.

Keywords: Protestantism. Religion. Congregational. Campina Grande

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1: Navio Great Western, 1855
- Figura 2: Rev. Robert Kalley, 1840
- Figura 3: Sarah P. Kalley, 1859
- Figura 4: Primeiro Templo Congregacional de Campina Grande
- Figura 5: Primeira Reforma do Templo Congregacional.
- Figura 6: Cruzada Cristo Esperança Nossa, 1960
- Figura 7: Última Reforma do Templo Congregacional, 1963
- Figura 8: Reunião de Busca da Renovação, 1967
- Figura 9: Rev. Inácio Cavalcante Ribeiro, 1968
- Figura 10: Casa Pastoral e Asilo Evangélico
- Figura 11: Igreja Congregacional de José Pinheiro, 1968
- Figura 12: Rev. Ximenes e esposa Luisa Ximenes, 1940
- Figura 13: Rev. Raul de Souza Costa, 1969
- Figura 14: Rev. Armando Torres de Vasconcelos
- Figura 15: Igreja Congregacional de Campina Grande – UIECB

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| AIECB | Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacional do Brasil |
| AIECCB | Associação das Igr. Ev. Congregacionais Conservadoras do Brasil |
| UIEI | União das Igrejas Evangélicas Indenominacionais |
| UESA | União Evangélica Sul Americana |
| UIECB | União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil |
| UIECCB | União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO I | 16 |
| O CONGREGACIONALISMO E A REFORMA PROTESTANTE | 16 |
| CAPÍTULO II | 23 |
| O CONGREGACIONALISMO NO BRASIL E SUAS CONQUISTAS | 23 |
| CAPÍTULO III | 33 |
| O CONGREGACIONALISMO EM CAMPINA GRANDE | 33 |
| CAPÍTULO IV | 41 |
| O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CONGREGACIONAL CAMPINENSE | 41 |
| CAPÍTULO V | 45 |
| O GRANDE CISMA CONGREGACIONAL CAMPINENSE | 46 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 60 |
| FONTES | 64 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 66 |

1 INTRODUÇÃO

Campina Grande, no início da década de 1920, era uma cidade majoritariamente católica, tendo suas esferas sociais e instituições da organização humana condicionadas ao modo de vida cristão católico romano. Embora o Brasil tenha extinguido o Padroado por ocasião da ruptura com o sistema imperial e o estabelecimento da República em 1889, trinta e um anos depois as práticas católicas ainda preenchiam o imaginário popular e detinham influência sobre a organização social.

Essa predominância está nítida nas relações de poder no contexto do município. Neste, o sistema educacional era quase inteiramente administrado pelas ordens religiosas ou indivíduos ligados às paróquias, hospitais e espaços filantrópicos, que tinham a forte presença da Igreja Católica, além de representantes do poder público engajados no apoio recíproco da igreja.

Contudo, a realidade religiosa campinense experimentou, com a efervescência econômica provocada pela indústria do algodão naquele período, a chegada de acatólicos, até então denominados pejorativamente de *Novas Seitas*, que passariam a concorrer com o discurso cristão católico, apresentando uma nova forma de vivenciar a fé – os protestantes congregacionais. Com relativa velocidade a primeira comunidade evangélica estava consolidada na Rainha da Borborema, adquirindo um terreno para construção do primeiro templo protestante na então denominada Rua do Açude Novo, atual Treze de Maio.

A expansão do protestantismo, sob a condução do Reverendo João Clímaco Ximenes, provocou uma alteração religiosa no cenário paraibano, ao passo que a igreja protestante fazia-se representar em todas as esferas sociais, políticas e econômicas. Tendo prestígio e força para concorrer frontalmente com a Diocese Católica, uma vez que ampliara seus espaços patrimoniais com a edificação de uma Casa Pastoral, O Colégio Evangélico e o Asilo Evangélico. Todos esses edifícios, erguidos no mesmo quarteirão do suntuoso templo, formaram um conjunto arquitetônico que conferiu especial destaque à Catedral Evangélica Congregacional, que contava com a participação de grande parte da população campinense.

Para que a linearidade histórica da tradição congregacional possa ser plenamente compreendida, nós abordaremos sua origem desde os embriões teológicos gerados no interior do processo de Reforma Protestante, iniciado em 1517, percorrendo seus caminhos e reverberações na igreja inglesa, que deu origem aos posicionamentos eclesiológicos do congregacionalismo. A chegada dos missionários Robert Reid Kalley e sua esposa, Sarah Poulton Kalley, e seu engajamento para evangelizar o Brasil oitocentista, suas lutas sociais na

busca de liberdade religiosa no governo imperial e o estabelecimento da primeira igreja protestante nacional, foram determinantes para dar ao congregacionalismo o cariz de composição denominacional evangélica exclusiva e singular, após seu regresso ao continente europeu. Esta pode se verificar quando da análise de seus ritos, governo eclesiástico e proposta social, haja vista o congregacionalismo brasileiro não se acomodar integralmente às matrizes europeias ou norte-americanas.

O trabalho de pesquisa partiu da problematização sobre os motivos provocadores da ruptura denominacional em 1967 – aqui tratado como Cisma –, por ocasião do denominado Movimento de Renovação que iniciado em 1959 já estava em curso em outras tradicionais denominações, por exemplo, batistas, presbiterianos e metodistas. O caso congregacional teve como epicentro a Igreja em Campina Grande, com ampla repercussão denominacional e na mídia secular, pelo fato de ser, na década de 1960, a maior igreja congregacional da América Latina.

Objetivamos lançar luz sobre os eventos que demarcaram o cisma congregacional, a partir da identificação dos fenômenos místicos que caracterizaram a dita *renovação litúrgica*, e de como a mesma proporcionou considerável desalinhamento das ideias originais do congregacionalismo. Queremos aclarar os pontos obscurecidos pelas rixas mútuas dos grupos divergentes, elucidando-os por meio do exame de documentações oficiais de ambas as igrejas e as memórias, extraídas pela oralidade, de indivíduos que presenciaram os acontecimentos.

A história congregacional dispõe de significativa produção sobre o tema. Contudo, esta é restrita ao campo eclesiástico, não sendo devidamente discutida pelos meios acadêmicos. Notamos que os modelos propostos nessas produções visam o enaltecimento de personagens centrais na história congregacional, ignorando as percepções dos silenciados envolvidos no processo de constituição dessa tradição protestante, entendemos que refletem um pensamento teórico do momento em que foram compostos, podendo ser agora comparados e analisados sob novos olhares.

Para compreensão e norteamento de nossa análise contaremos com a contribuição de FORSYTH (1988), GOMES (2017), SYLVESTRE (2014), LÉONARD (2013), LEWIS (2013), ARAÚJO (2013), CARDOSO (2001), ROCHA (2013), NICHOLS (2008), GONZÁLEZ (2011) e BERKHOF (2001).

Como princípios norteadores do embasamento teórico, que nos ajudaram a trilhar a análise, lançamos mão das percepções largamente delimitadas na prática da *École de Annales*, alinhando nossa composição ao que BARROS (2013) nos apresenta como *processo expansivo da história*. Partimos do conceito de *representação* em CHARTIER (1991), aliado às

propostas de operação historiadora contidas em DE CERTAU (2011), para tirar daqueles autores os importantes conceitos utilizados neste trabalho, tais como os de *estratégias, mecanismos táticos, astúcias e apropriações*. Servimo-nos ainda dos elementos indicados pela História das Mentalidades, que apontam os conceitos de *pensar e sentir*, imprescindíveis para a discussão dos fenômenos próprios da esfera do religioso. Estes conceitos nos ajudaram na leitura das fontes, criteriosamente escolhidas, para sedimentar a seara investigativa antes proposta e proporcionar uma criteriosa investigação das informações, como vemos em LE GOFF (1992).

A análise de WEBER (2013), sob a percepção teórica do protestantismo em torno de suas relações sociais e projetos de poder correlatos ao capitalismo, serão vistos no intuito de comprovar que as missões protestantes no Brasil e na cidade de Campina Grande, além dos elementos religiosos, galgavam uma reestruturação social dos espaços humanos.

Por fim, fizemos uso dos ensinamentos de BOSI (1994), THOMPSON (1988) e ALBUQUERQUE Jr. (1994) para delinear o trato com os conceitos de memória e oralidade, bem como nos portarmos, enquanto historiador, diante do fenômeno da memória a ser historicizada.

Nosso trabalho está organizado em forma de monografia, contendo cinco capítulos, ordenados de forma cronológica para facilitar a narrativa e compreensão dos acontecimentos. O primeiro capítulo irá abordar o ambiente em que surgiu a tradição congregacional e a influência exercida pela Reforma Protestante sobre estes, assim como os desdobramentos políticos e religiosos que forçaram os congregacionais a organizarem e afirmarem suas posições frente ao governo inglês.

No segundo capítulo será discutido o Congregacionalismo no Brasil e como este foi estrategicamente inserido na capital do Império Brasileiro, numa conjuntura majoritariamente católica, pelos missionários Robert e Sarah Kalley. Estes missionários atuaram na implantação da primeira igreja protestante nacional e suas lutas por liberdade religiosa diante do sistema de Padroado, alinhado ao Império nacional. Sob estas duas forças, reconhecia-se como religião de Estado o catolicismo, e negava-se a todo e qualquer credo o culto aberto e o proselitismo religioso e todo o território brasileiro. Tal determinação foi posta em xeque pela ação decisiva e sutil dos ditos missionários, alargando, com seu trabalho, o espectro religioso em nosso país.

No terceiro capítulo, será apresentado a inserção e consolidação eficiente do congregacionalismo na cidade de Campina Grande, e de como este passou a concorrer com a

religião católica em pé de igualdade, com sua expansão materializada na edificação do conjunto arquitetônico, no centro da cidade, pertencente à Igreja Congregacional.

O quarto capítulo discutirá o surgimento na igreja campinense do Movimento de Renovação, que já era sentido em outras denominações protestantes, buscando identificar as principais características desse movimento e de como o mesmo foi vital para desencadear as fissuras teológicas e doutrinárias que levaram ao cisma, gerando um novo significado para o congregacionalismo tradicional.

Por fim, o quinto capítulo analisará, de forma mais aprofundada, os efeitos do cisma e seus desdobramentos na comunidade evangélica congregacional e campinense. A forma como os grupos divergentes buscaram sua consolidação e a reaproximação posterior após superados os fatos.

Ao final do texto, apresentaremos, pormenorizadamente, as fontes utilizadas para levar a efeito a pesquisa, corporificada no texto presente.

CAPÍTULO I

O CONGREGACIONALISMO E A REFORMA PROTESTANTE

Pensar as origens do congregacionalismo é remontar a uma tradição religiosa que já soma mais de 400 anos, tendo suas raízes institucionais nos limiares da Reforma Protestante do Século XVI. Como marco simbólico deste fato histórico a fixação de suas famosas 95 teses nos portais da Catedral de Wintteberg, no ano de 1517, na região da atual Alemanha.

As primeiras igrejas reformadas, ou seja, aquelas que romperam com a tradição católica do cristianismo seguiram os princípios eclesiológicos de Martinho Lutero, formando as Igrejas Luteranas, estas preservaram suas antigas estruturas eclesiásticas com poucas modificações. Contudo, as percepções teológicas sofreram consideráveis mudanças desde o início do movimento, espalhando-se por todo o velho continente europeu já de forma territorial, ou seja, sem a figura centralizadora do domínio religiosos por um único líder, com uma única sede tal como aplicado pelo sistema papal. Historiadores e teólogos preferem dividir a Reforma Protestante em três momentos específicos, as Reformas Luterana, Calvinista e Anglicana¹. Pensando a Reforma Protestante de maneira fragmentada no tempo/espço como nos propõe DREHER, 2017, veremos que os caminhos percorridos do movimento reformacionista, seguia as trilhas dos conflitos políticos e econômicos da Europa marcada pelo Renascentismo, em seu ápice no Século XVI, com marcas profundas do humanismo aplicado pelos reformadores.

As doutrinas luteranas, foram amplamente aceitas pelos príncipes simpatizantes ao protestantismo dentro do extinto Sacro Império Romano Germânico², sob o governo de Carlos V. Por sua vez a Reforma Calvinista, já em um segundo momento, tem seu início nos territórios franceses, entre os Huguenotes, com suas doutrinas sistematizadas por João Calvino, que iria publicar a primeira edição das Institutas da Religião Cristã em 1535,

¹ A Reforma Protestante, é conjunto de fatores de cunho sociais, políticos, econômicos e religiosos que foram apresentando seus desdobramentos ao partir dos marcos de 1517. Muitos elementos do humanismo e da renascença, tiveram influências diretas, é preciso considerar que os principais reformadores eram humanistas. A divisão temporal dos processos de reforma da igreja, está condicionado em grande medida aos efeitos sócio-políticos apresentados em cada região que a Reforma alcançou. (Nichols, 2008).

² No século XI recebeu o nome de Império Romano e no século XII, Sacro Império. A denominação de Sacro Império Romano-Germânico foi adotada no século XIII. Embora suas fronteiras tenham se ampliado de forma notável ao longo de sua história, os estados germânicos foram sempre seu núcleo principal. Desde o século X, seus governantes eram eleitos reis da Germânia e, geralmente, pretendiam que os papas os coroassem em Roma como imperadores, embora nem sempre o conseguissem. (Sousa, 2019)

provando ser a Obra Teológica mais influente da Reforma Protestante, sua obra foi direcionada ao monarca francês – Francisco.

“Carta ao Rei Francisco, mui poderoso monarca, cristianíssimo rei dos franceses, seu príncipe, João Calvino roga paz e salvação em Cristo. Quando inicialmente, lancei mão da pena para escrever esta obra, meu principal objetivo, ó Mui Preclaro rei, era o de escrever algo que, depois, pudesse ser apresentado diante de tua majestade. Meu objetivo era o de apenas ensinar certos rudimentos em função dos quais fossem instruídos, na verdadeira piedade, todos quantos são tocados por algum zelo de religião. Resolvi fazer este trabalho principalmente, por amor aos nossos compatriotas franceses, muito dos quais eu via famintos e sedentos de Cristo, e a muito poucos, porém, eu via imbuídos devidamente de conhecimento sequer modesto a respeito d’Ele. O próprio livro, composto de forma de ensinar simples e até chã, mostra que foi esta a intenção proposta” (As Institutas da Religião Cristã. I Vol. São Paulo: Cultura Cristã, 2006)

O pensamento teológico de Calvino, sofrerá a semelhança de Lutero, grande influência da percepção teológica e filosófica de Santo Agostinho; sua proposta dentro dos campos soteriológicos influenciariam praticamente todas as correntes do protestantismo europeu.

O Movimento de Reforma Anglicano não seguiu as mesmas diretrizes que seus antecessores, uma vez que não se oriunda de embates teológicos como nos casos franceses e alemães, mas dos desgastes políticos entre Henrique VIII e o papa Clemente VI, este que negou-se a conceder o direito de divórcio ao rei inglês. Podemos ver que as modificações sociais influenciaram os rumos da prática religiosa, em Le Goff (1988) veremos que a religião se comporta de forma análoga aos interesses culturais, políticos e econômicos de uma determinada sociedade, algo muito nítido no ambiente de reforma inglês.

A ruptura da igreja inglesa sob a tutela autoproclamada de Henrique VIII, não se deu por inquietações espirituais, mas pela ampla e crescente insatisfação da monarquia inglesa com os pesados tributos pagos a Roma, e os grandes latifúndios sob a tutela papal, a impossibilidade de obter um herdeiro do sexo masculino para dinastia *Tudor*³, foi apenas o fator catalisador que levaria Henrique VIII a romper com a autoridade eclesiástica romana, essa ruptura abriu espaço para a influência protestante que veio a consolidar-se no reinado de Elizabeth I (1558), até os dias atuais.

³ Os Tudor assumiram a coroa inglesa em 1485. Henrique VII deu início à linhagem que teve como sucessores Henrique VIII, Eduardo VI, Mary I e Elizabeth I. Durante a dinastia, houve o rompimento com a Igreja Católica e a fundação da Igreja Anglicana e a Inglaterra atingiu alto nível de desenvolvimento político, econômico e cultural. "É sob os Tudor que se tem o período mais florescente da expansão e consolidação do poderio britânico, na política européia, no comércio e nas finanças, na expansão ultramarina e na independência religiosa", afirma Estevão Martins, professor de História na Universidade de Brasília. (Rodrigues, 2019)

A Igreja Anglicana⁴, unida politicamente à monarquia inglesa preservou os hábitos litúrgicos do catolicismo romano, mas adotou as pressuposições doutrinárias calvinistas. A instabilidade política na Inglaterra antes do reinado de Elizabeth I, gerou fortes agitações no campo religioso. A antecessora do primeiro reinado elisabetano, a rainha Maria I, era fortemente católica e tentou restaurar as práticas católicas, mas não obteve êxito. Com a ascensão ao trono por Elizabeth I, a Igreja Anglicana, avançou em seu processo de reforma, assumindo um tom mais conciliador entre os divergentes, pelo menos em um primeiro instante, tendo como ponto determinante e resolvido a ruptura com a Santa Sé.

Essa política religiosa mais branda e conciliadora, permitiu que grupos pertencentes a igreja, que almejavam transformações mais agudas, se sentissem confortáveis para moldar suas estruturas eclesásticas ao modelo anglicano, porém com práticas mais conservadoras. Em uma nítida forma de resistência, os protestantes mais radicais passaram a viver em suas paróquias um estilo de vida mais voltado ao universo religioso privado, e tais grupos logo tornaram-se conhecidos como puritanos⁵.

É justo considerarmos que nunca houve uma “*Eclésia*” puritana no sentido institucional, mas um movimento dogmático que propunha uma cosmovisão aguçada em torno dos elementos escriturísticos da religião cristã, endossando um dos pilares da Reforma Protestante, proposta por Lutero – *Sola Scriptura*; influenciando os diversos setores do anglicanismo. Contudo, esses grupos teologicamente puritanos serão institucionalmente qualificados como não-conformistas⁶, haja vista que defendiam a separação da igreja do Estado e um distanciamento maior dos elementos católicos romanos do culto. O anglicanismo indisposto a ceder mais do que o previsto pelas diretrizes governamentais, passou a rivalizar com os não-conformistas que sentiram-se forçados em nome da “*pureza*” teológica a criar comunidades separadas da instituição anglicana, originando comunidades independentes. As primeiras manifestações da tradição congregacionalista ou congregacional remontam a este momento, e historiadores apontam o conceito reconhecido como “*Igreja de Privye*” (Igreja

⁴ A Igreja Episcopal Anglicana, é fracionada em dois escalões a Alta Igreja que segue ritos mais tradicionais e arraigados nos antigos costumes católicos e Baixa Igreja marcada por congregações mais afeições aos movimentos evangélicos. Teólogos anglicanos como John Charles Rayle, afirmam que a raiz do anglicanismo remonta ao período anterior ao catolicismo, com os esforços missionário de São Patrício na composição da Igreja Cristã Celta, anexada pelo Catolicismo Romano posteriormente. (Gonzáles, 2011).

⁵ O teólogo inglês Martin Lloyd-Jones diz em seu livro “Os Puritanos – Suas Origens e Seus Sucessores” que as diferenças entre anglicanos e puritanos consistia em: 1° Um desejo de reforma plena e completa da Igreja. O puritano não podia mais ficar satisfeito com uma Igreja parcialmente reformada, mas desejava uma Igreja plenamente reformada. 2° O puritano tinha uma perspectiva internacional e não nacional como o anglicano. (Canuto, 2019)

⁶ Grupos mais ligados ao pensamento teológico puritano, defensores de uma ruptura institucional com a Igreja Anglicana. (Canuto, 2019)

Privada) em 19 de junho de 1567, “*Não aceitavam que a igreja oficial do país fosse o rebanho de Cristo e queriam separação completa dela*” (GOMES, 2017), o pastor dessa igreja era Richard Fitz⁷, considerado o primeiro mártir da tradição congregacional inglesa.

A percepção do termo grego neotestamentário de *ekklesia* (assembleia) deste conjunto congregacional, é antagônica ao modelo institucional anglicano, logo, essa primeira comunidade aplicava os métodos administrativos indicados pelas narrativas bíblicas com inspiração no cristianismo primitivo: uma igreja completa (local) e independente de outra. Interpretação eclesiológica que feria os modelos episcopais anglicanos.

O ambiente religioso incipiente na Inglaterra logo se posicionaria frente as comunidades congregacionais que surgiam, uma lei de 1592 da monarquia inglesa baniu qualquer um que não demonstrasse concordância com a autoridade religiosa da rainha e que se mostrasse indisposto a frequentar as cerimônias anglicanas, prestar obediência aos bispos ingleses, por fim, muitos adeptos do regime congregacional se viram forçados a fugir para a Holanda, que concedia maiores liberdade de cunho religioso.

Os grupos congregacionais separatistas apresentaram divergências internas de cunho teológico, sendo o ponto de controvérsia maior em torno do rito batismal que deveria ser aplicado pelas igrejas de tradição congregacional. Líderes como John Smyth (1565-1612), não concordavam com o pedobatismo⁸, e afirmavam que o batismo somente poderia ser realizado para indivíduos adultos. Posteriormente a forma batismal por aspensão⁹, que era usada por todos os grupos protestantes passou a ser questionada dentro do meio separatista, desenvolvendo-se a forma de batismo imersionista¹⁰, esse conflito em torno do sacramento batismal daria origem as primeiras Igrejas Batistas, que embora adotassem o governo eclesiástico congregacionalista, afirmavam que o batismo deveria ser somente por imersão.

Os congregacionais ingleses não constituíam-se apenas de cristãos puritanos separatistas, havendo expoentes que, embora defendessem a percepção eclesiológica de uma igreja local independente, buscavam acomodar esse dogma a ideia de um órgão maior e regulador dessas

⁷ O pastor congregacional John Waddington (1810-1880), autor do mais abrangente tratado sobre a história Congregacional (cinco volumes), descobriu e mostrou documentos, inclusive escritos pelo próprio Richard Fitz, que provam que estes irmãos formavam, sim, uma igreja plena e completa. O próprio Fitz comprova isso quando explica que o grupo que liderava tinha. Existem comprovações documentais que permitem conferir a essa comunidade inglesa de 1567 os fundamentos históricos do congregacionalismo. (GOMES, 2017)

⁸ Etimologia (origem da palavra pedobatismo). Pedro, do grego pais, paidós, "criança" + batismo. Batismo infantil, sacramento religioso segundo o qual a criança é inserida no seio no universo cristão da igreja, sendo ela considerada cristã. (Berkhof, 1990)

⁹ Aspensão - termo derivado do latim *aspersione*; s.f., ato ou efeito de aspergir, borrifar ou respingar. Na prática, é muito similar à efusão, pois a intenção é derramar água sobre o batizando. No Batismo por aspensão a água é derramada sobre a cabeça do batizando, pratica adota amplamente pelo cristianismo primitivo. (Berkhof, 1990)

¹⁰ Imersão, do latim *immersio*, sinônimo de mergulho, é a ação de se introduzir ou de introduzir algo num fluido/líquido. A forma de Batismo Imersionista, o batizando é mergulhado dentro da água. (Berkhof, 1990)

igrejas independentes. Sem dúvida, esse já era o modelo daquilo que viria a ser o congregacionalismo moderno e denominacionalista que teve como o seu maior defensor o pastor inglês Henry Jacob ¹¹(1563-1624).

É relevante citarmos esse ambiente de nascimento da tradição congregacional inglesa tendo em vista que seu modelo foi exportado para outras regiões do continente europeu e americano. O congregacionalismo denominacionalista de Henry Jacob, sofreu sérios ataques em seus primórdios por outros separatistas que não viam com bons olhos a relação tolerante com a Igreja Anglicana e outras tradições já consolidadas no mesmo período, por exemplo, os presbiterianos. Com o transcorrer do tempo os fundamentos jacobinos ganham mais aceitação despontando no seio congregacionalista uma postura mais aprazível e dialógica que até hoje são características dos grupos congregacionais que se mostram mais tolerantes com outras formas de protestantismo.

Na Escócia, governada por Jaime I¹², as doutrinas congregacionais encontrariam um ambiente propício e aparentemente mais tolerante, e ali nasceria uma forte Igreja congregacional, influenciada como todas as demais tradições religiosas escocesas pelos sermões de John Knox ¹³(1513 – 1572) e sua teologia calvinista.

As limitações religiosas impostas pelo governo inglês, e as crescentes demandas junto as novas terras descobertas no Novo Mundo, levaram grupos inteiros de religiosos a migrarem para o novo continente em busca de prosperidade e liberdade; não resta dúvidas que os marginalizados sociais da Inglaterra, eram enviados para as Américas com o intuito de reduzir os elevados quadros demográficos ingleses, porém, é notório que paralelamente a estes

¹¹ Nestes mesmos anos uma nova posição puritana foi lapidada por Henrique (Henry) Jacob (1563-1624), que fora membro da congregação de Robinson, em Leyden; por Guilherme (William) Ames (1576-1633), eminente teólogo exilado na Holanda; e por Guilherme (William) Bradshaw (1571-1618), um dos principais escritores puritanos. Estes homens formularam os princípios da posição congregacional independente não separatista, da qual provém diretamente o moderno congregacionalismo. Empenhados em evitar a separação da Igreja da Inglaterra trabalharam a favor de um sistema nacional de igrejas congregacionais dentro da igreja estabelecida. (GOMES, 2017)

¹² Nasceu a 19 de junho de 1566, em Edimburgo, e faleceu a 27 de março de 1625, em Theobalds Park, Hertfordshire. Era filho de Maria Stuart e com apenas um ano de idade foi aclamado rei da Escócia por nobres em desacordo com a sua mãe. Em 1603, sucedeu a Isabel I, unindo, a Inglaterra e a Escócia. Posteriormente os puritanos ingleses lhe moveram oposição. Todavia, alguns destes - os Pilgrim Fathers - preferiram emigrar para a América, em 1620, a bordo do Mayflower. (Porto Editora Company, 2019).

¹³ A Data e o local de nascimento de John Knox são incertas, sendo aceita a data de 1513 como a mais provável. É possível que Knox tenha nascido no povoado de Haddington, às margens do Rio Tyne, distrito de Lothian Oriental, cerca de 30 km a leste de Edimburgo. Seu pai, William Knox era homem do campo e sua mãe membro da família Sinclair, Recebeu boa educação, aprendendo latim nos estudos regulares. A seguir matriculou-se na Universidade de Saint Andrews. A despeito de sua enérgica argumentação, a rainha permaneceu inflexível aos seus apelos, o que despertou uma relação aguerrida. Knox começou a demonstrar extrema repulsa pela rainha e sua igreja e passou a convocar seus amigos e ouvintes a se reunirem em suas casas em vez de frequentar as catedrais. Além disso, ele escreveu contra o proceder pervertido da religião escocesa em *A Most Wholesome Counsel How To Behave Ourselves in the Midst of this Wicked Generation* (Conselho Pleno Sobre Como se Portar em Meio a Uma Geração Ímpia). (Costa, 2019)

grupos, cristãos não conformistas enxergavam na América, uma visão clara da “Terra Prometida” que lhes era garantida por direito divino, motivando-os a migração, como sugere KARNAL (2007), em sua análise da história das Treze Colônias Britânicas.

O que pouco é discutido pela historiografia, é o fato específico que os puritanos ou *pais peregrinos* que inauguram o processo de colonização na América do Norte, eram majoritariamente congregacionais e suas percepções religiosas, sociais, culturais e políticas iriam marcar os fundamentos da história norte americana.

“Em nome de Deus, amém. Nós, cujos nomes estão escritos abaixo, súditos leais de nosso temível soberano Senhor, Rei James, pela graça de Deus rei da Inglaterra, França e Irlanda, defensor da fé. Havendo empreendido para a glória de Deus, avanço da Fé Cristã, e em honra de nosso Rei e pátria, numa travessia para plantar a primeira colônia ao norte da Virgínia; fazemos pacto solene e mutuamente, na presença de Deus e nossa, e conjuntamente formamos um corpo político, civil para nossa ordem, preservação e estímulo dos fins antes ditos; e em virtude disto estabelecemos, aprovamos, constituímos e formulamos leis justas e equitativas, ordenanças, atas, constituições e ofícios, de tempos em tempos, segundo seja considerado próprio e prometemos toda a devida obediência e submissão. Na fé do qual temos subscrito nossos nomes em Cape Cod, em onze de novembro, no reino de nosso soberano senhor, Rei James, o décimo oitavo rei da Inglaterra, França e Irlanda, e o quinquagésimo quarto da Escócia. Ano de Nosso Senhor, 1620” (Pacto de Mayflower, assinado a bordo do Navio Mayflower, GOMES 2017, pp. 115).

O famoso Pacto de Mayflower, demonstra as fortes marcas que o congregacionalismo conseguiu empregar no projeto colonial norte-americano. Os termos aplicados são preenchidos com características congregacionais de cunho fortemente democrático, conferindo aos colonos a auto regulamentação de suas vidas por meio de decisões conjuntas e solenes.

As influências congregacionais não limitaram-se a moldar somente as sementes embrionárias das Treze Colônias Inglesas, mas demarcaram seus ideais nas políticas britânicas em geral, tais mudanças não foram pacíficas, havendo grupos de forte resistência aos projetos congregacionalista, em Londres as constantes conspirações no interior da Igreja Anglicana, buscavam construir impedimentos na tentativa de frustrarem as mudanças pleiteadas por não conformistas congregacionais, os embates gerados no Parlamento Britânico em torno das questões religiosas resultaram na Convocação da famosa Assembleia de Westminster, que agremiou anglicanos, presbiterianos e congregacionais.

Após intensos debates o modelo presbiteriano¹⁴ de igreja (governada pelos presbíteros eleitos pelos membros) prevaleceu de forma parcial, tendo em vista a hesitação do Parlamento

¹⁴ O modelo presbiteriano, propõe que os membros reunidos em Assembleia, promovam a eleição de oficiais denominados presbíteros. Estes irão compor a liderança eclesiástica da comunidade juntamente com o pastor, que deverá passar pelo mesmo processo eleitoral. Os Conselhos de Presbíteros locais, formam Conselhos Regionais, denominados de Presbitérios, estes por sua vez formam Sínodos, por fim, Supremos Concílios para direção geral da Igreja.

Britânico em adotar o sistema por completo desagradando amplamente os congregacionais, entretanto, marcas da confessionalidade congregacional seriam preservadas nesse documento confessional.

O Parlamento Britânico reconheceu a produção da Confissão de Fé de Westminster como seus Catecismos Menor e Maior, sem contudo, anular os 39 Artigos do Livro de Oração Comum, documento oficial da Igreja Anglicana até os dias atuais e as principais doutrinas do congregacionalismo.

Oliver Cromwell¹⁵, membro de uma igreja congregacional ao assumir o status de *Lord Protetor da Inglaterra*, após derrotar o Rei Charles I, passou a conceder maiores liberdades religiosas aos protestantes, respeitando as diretrizes da Assembleia de Westminster, dando, porém, maior projeção aos intelectuais do congregacionalismo, que passaram a assumir cátedras de universidades, e postos estratégicos do governo como, dentre estes John Milton¹⁶(1608-1674).

Com a morte de Cromwell, os congregacionais temiam uma possível vulnerabilidade de suas posições teológicas dentro do complexo mundo cristão anglicano, e convocaram no ano de 1658, um concílio sediado no Palácio de Savoy¹⁷, para debater seus posicionamentos confessionais, com a finalidade de produzirem um documento que lhes assegurasse uniformidade doutrinária e segurança jurídica frente ao forte domínio anglicano e presbiteriano do Parlamento Inglês.

Após intensos debates foi produzida a *Declaração de Savoy de Fé e Ordem*, que manteve elementos reformacionais da igreja, reforçava seu caráter independente e local, ratificava a forma de administração dos sacramentos e seu alinhamento calvinista soteriológico; esse documento configura como a mais antiga produção confessional do congregacionalismo mundial, e serviria como guia doutrinário das medidas aplicadas pelos congregacionais no Brasil.

¹⁵ Oliver Cromwell, nasceu em 1599 em Huntingdon, faleceu em 1658 filho de Robert Cromwell, era membro da nobreza rural inglesa. Esse fervoroso cristão nunca admitiu o zelo daqueles que dividem – mas era de uma notável abertura teológica com os batistas ou com seus irmãos “independentes”, adeptos da autogestão das igrejas contra o sistema presbítero-sinodal dos reformados. Cromwell era incontestavelmente protestante. (COPYLEFT © LE MONDE DIPLOMATIQUE, 2019)

¹⁶ Nasceu em 1608 em Londres, faleceu em 1674 era poeta. Assumiu o cargo de Secretário de Línguas, autor do épico “O Paraíso Perdido” um poema consagrado na literatura mundial, o famoso Hino “Amazing Grace”, e defensor de políticas sociais mais equitativas e a abolição do comércio escravocrata.

¹⁷ O Palácio de Savoy foi considerado a maior residência nobre da Londres medieval, até ser destruído durante a Revolta camponesa de 1381. (Canuto, 2019)

CAPÍTULO II

O CONGREGACIONALISMO NO BRASIL E SUAS CONQUISTAS

Do mesmo porto aonde os pais peregrinos zarparam em direção à *Terra Prometida*, saiu Robert Reid Kalley¹⁸ e sua esposa Sarah Poulton Kalley¹⁹. O casal, porém, não se dirigiu à América dos pais peregrinos, tomaram o rumo do Império do Brasil a bordo do Navio “Great Western”, aportando na Baía de Guanabara em 10 de maio de 1855 e se estabelecendo, de imediato, na cidade de São Sebastião Rio de Janeiro²⁰. A vida dos Kalley, foi marcada por um arrojado e nobre estilo de vida, estavam acostumados a transitar nos círculos sociais mais abastados em face de seu elevado poder aquisitivo, que nos é evidente pelo porte da embarcação utilizada para a viagem em direção ao Brasil, o *Great Western* era um navio mercante para passageiros de poder aquisitivo elevado, conforme vemos na Figura 1. Os Kalley, chocaram-se com o ambiente da capital imperial, ao examina-lo mais de perto:

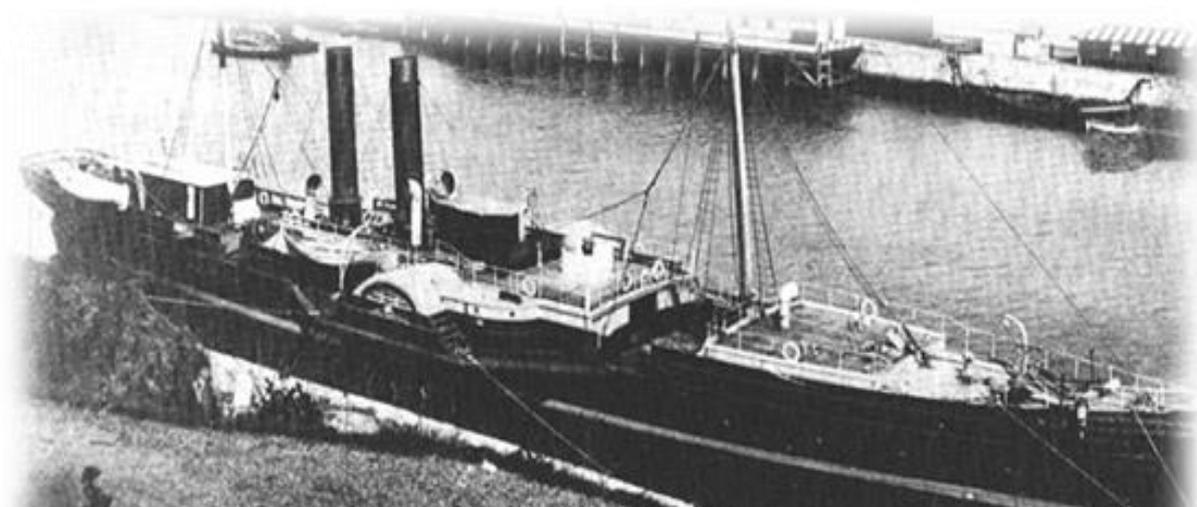


Figura 1: Navio Great Western, 1855

Fonte: <http://www.victorianweb.org/technology/ships/15.html>

¹⁸ Robert Reid Kalley nasceu em 1809, na Escócia. Estudou Farmácia e Medicina, em Glasgow, donde saiu diplomado em Cirurgia e Farmácia, em 1829, e, doutorado em Medicina, em 1838. No ano seguinte, foi-lhe reconhecida, através de defesa de tese, a competência médico-cirúrgica, pela Faculdade de Medicina de Lisboa e, em 1859, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. (Oliveira, 2006).

¹⁹ Sarah Poulton Wilson nasceu em Nottingham, na Inglaterra, em 25 de maio de 1825. Era filha de William Wilson (1801-1866) e Sarah Poulton Morley (1802-1825). Com apenas quatro dias de nascida, a menina ficou órfã de mãe e passou a infância entre a casa de campo do pai, em Trumpton, e a casa dos avós maternos, na cidade de Londres. Tanto seus familiares maternos quanto paternos eram puritanos e pertenciam à Igreja Congregacional. Ela compôs quase todos os hinos dos “Salmos e Hymnos”, porquanto, dos 182 hinos, assinados pelo Dr. Kalley, apenas 13 foram realmente compostos por ele; controlava o trabalho dos colportores; fazia os “esboços” dos sermões que os presbíteros ou diáconos tinham de pronunciar, na ausência do Dr. Kalley. (Rocha, 2013)

²⁰ William B. Forsyth teve papel singular na preservação histórico documental da vida do casal Kalley, sendo o primeiro autor a produzir uma biografia de Kalley, narrando toda sua trajetória e vida no Brasil, segundo FORSYTH (1988), Kalley é um desconhecido da história das missões modernas, não tendo seu nome recebido as devidas honras para quem foi pioneiro na evangelização nacional com a constituição da primeira igreja brasileira permanente.

“Estavam desiludidos – as coisas não eram do jeito que esperavam que fossem. A cidade era decepcionante, embora o lugar fosse atrativo com suas quatro montanhas e vales entre elas, e suas terras baixas. Em todo lugar havia igrejas e prédios monásticos feios e de aparência desagradável, pertencentes às diferentes ordens religiosas. Eles cobriam as montanhas e se espalhavam pelas praças abaixo. Padres, monges e frades eram muito evidentes nas ruas” (FORSYTH, 1988, pp 107-108).

Embora os espaços urbanos da capital imperial fossem deficitários, não podemos afirmar o mesmo sobre os edifícios monásticos e religiosos do período. O que nos faz concluir que no discurso dos Kalley, predomina a construção do outro de forma negativa, aonde os templos católicos são descritos de forma pejorativa.

O modelo de vida comum na Corte Imperial brasileira não se revelava muito interessante, para o casal que com ampla experiência em viagens, conhecera as mais famosas capitais do mundo e seus atrativos. Corroborando as impressões dos Kalley, vemos em *História da Vida Privada no Brasil Vol. II*, que: “*O Rio possui hoje um teatro lírico (...) suas ruas são iluminadas a gás e há um piano em cada casa. É verdade que esse teatro está situado no meio de uma praça infecta (...) que as ruas, sem passeios, são mal calçadas de pedra bruta*” (NOVAIS, p. 48, 1997). O Rio de Janeiro no período oitocentista reunia condições urbanas precárias, cenários estes que serão modernizados apenas no início do governo republicano, sob a administração municipal de Pereira Passos.

“As próprias ruas eram muito estreitas, mal pavimentadas, se é que eram pavimentadas, e durante a noite eram mal iluminadas, pois os lampiões a gás, instalados naquele ano, não eram suficientes (...) não existiam encanamentos de esgoto, de forma que o esgoto corria ao céu aberto (...) não havia boas casas nem prédios públicos. Até mesmo o Palácio era pouco atraente e desinteressante. Por que nós estamos aqui? Conseguiremos nos acostumar com este calor? Na verdade, não temos nenhum motivo para estar aqui. (...) Por que não embarcamos e fazemos o trabalho do Senhor num lugar mais agradável?” (FORSYTH, 1988, pp. 108),

Interessante observarmos a percepção do europeu em relação ao contexto sociocultural brasileiro, é reveladora quando não somente aponta as impressões destes, mas a descrição do modo de vida brasileiro no período final do império. A historiografia brasileira, com o intuito de conceber uma identidade nacional já no período republicano, irá explorar essas impressões europeias nas suas produções a partir dos anos oitenta. O maior expoente desse novo olhar sobre as influências protestantes na concepção da identidade nacional pode ser obtido em *A História da Vida Privada Vol. II*, com textos de Luis Felipe Alencastro, Fernando Novais e outros.

Diante da pouca estrutura básica do Rio de Janeiro, no período oitocentista, os Kalley decidiram estabelecer residência no local mais apropriado e utilizado por todos os nobres e pessoas de elevado poder aquisitivo, Petrópolis, aonde alugaram uma chácara denominada *Gernheim*, que significa “lar amado”, um imóvel amplo, com muitos quartos à altura dos

padrões exigidos pelo gosto do casal europeu. Contudo, não seria sensato imaginar que somente os anseios pessoais teriam motivado a escolha por Petrópolis, pois a metodologia inglesa de comércio aderida pelo missionário como estratégia, revela outros fatores:

“Eles tinham cartas de apresentação dirigidas a várias pessoas, tanto britânicos quanto brasileiros, e as entregaram pessoalmente. Cada um destes novos conhecidos foi presenteado com um relógio de ouro puro, trazido da Inglaterra especialmente para este propósito! Estabeleceram fortes relações com Dr. José Martins da Cruz Jobim, um Senador, Médico do Imperador e Diretor de Instituições Médicas. Eles aprenderam uma forte característica brasileira, a importância de ter amigos em altas posições” (FORSYTH, 1988, pp. 110)



Figura 2: Rev. Robert Kalley, 1840
Fonte: Acervo da Igreja Fluminense

Kalley era um homem acostumado a transitar entre as distintas classes europeias, asiáticas e norte-americana e sua ampla experiência de vida lhe deu capacidade de adaptar-se e identificar os melhores meios para consolidar a posição protestante em suas atividades missionárias. Na Figura 2, sua postura registrada na fonte iconográfica, permite observarmos seu tipo padrão inglês, sua indumentária não é usual de um sacerdote protestante no período, mas o assemelha a um homem de negócios e de condição social distinta, o que evidencia sua busca de integralização social nos altos círculos econômicos e políticos do Império do Brasil. Max Weber (2015), será cirúrgico em sua análise quando concebe a ideia de que os ideais protestantes estavam fortemente correlatos aos anseios comerciais do capitalismo, algo que Kalley, compreendia e aplicava em sua proposta missionária:

“Uma simples olhada nas estatísticas ocupacionais de qualquer país de composição religiosa mista mostrará, com notável frequência, uma situação que muitas vezes provocou discussões na imprensa e literatura católicas e nos congressos católicos, principalmente na Alemanha: o fato que os homens de negócios e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitado técnica e comercialmente das modernas empresas é predominantemente protestante” (WEBER, p. 12, 2015)

Na busca de aceitabilidade era fundamental usar o prestígio social que detinha para ter, em meio à elite brasileira, os apoios que necessitaria para implantar o protestantismo no Brasil de forma permanente.

Por meio de sua influência, Kalley, aproximou-se de nobres e do próprio Imperador Dom Pedro II, que considerava peças fundamentais para o sucesso da missão. Após conseguir maior trânsito em meio à comunidade brasileira, Robert Reid Kalley buscou o auxílio de protestantes portugueses que haviam se convertido por meio de seu trabalho na Ilha da Madeira. A missão destes prosélitos seria, através da venda de bíblias, difundir os princípios bíblicos do protestantismo no interior do Brasil. *“Agora, no início de 1856, um convite urgente foi enviado a três famílias madeirenses para que viessem ao Brasil em sua ajuda. Assim como o próprio Senhor, ele convocou homens de profissões comuns para irem pregar o evangelho”* (FORSYTH, p133. 1988). A conversão de brasileiros não era comum no século XIX, uma vez que a constituição imperial conferia unidade do governo com a igreja católica, gozando o catolicismo do caráter de religião oficial e com pleno domínio do ambiente religioso dos naturais. Entretanto os tratados internacionais com a Inglaterra protestante forçaram as autoridades brasileiras a buscar posturas mais flexíveis com a presença protestante no Brasil, o que favoreceu as imigrações de países majoritariamente protestantes como Holanda, Alemanha, Estados Unidos da América e a própria Inglaterra.

Em 11 de julho de 1858, Kalley percebeu o ambiente mais propício para organizar sua comunidade protestante e fundou a Igreja Evangélica, que embora fosse congregacional utilizava somente essa nomenclatura; com a chegada das missões presbiterianas em 1863 foi acrescentado o termo Fluminense para distinguir as duas igrejas, tempo em que a comunidade já contava com quatorze membros sendo um único brasileiro – Pedro Nolasco de Andrade²¹. A igreja evangélica fluminense tornou-se conhecida como a primeira igreja genuinamente protestante originada no Brasil, com liberdade para realizar cultos públicos em português e a registrar membros brasileiros²², porém era extremamente proibido aos protestantes a edificação de templos:

“O Código Criminal do Império (1830), no seu artigo 276, punia com multa e dispersão do culto, o ato de celebrar em casa ou edifício que tenha alguma forma exterior de templo, ou publicamente em qualquer lugar, culto de outra religião que não seja a do Estado” (Novais, p. 292, 1997)

O trabalho de venda de exemplares da Bíblia mostrou-se produtivo e o protestantismo fluminense começava a ter adesão de brasileiros de todas as classes sociais. A inserção de Robert Kalley, nas latas camadas do império era tão notável que o próprio Imperador, D. Pedro II, o convidou por algumas vezes a presença do Dr. Kalley no Palácio Imperial, para ministrar cursos sobre a Palestina aos membros da Corte.

Contudo, o ambiente tornou-se inóspito quando membros da aristocracia demonstraram interesse pela nova doutrina, o que se demonstra com a conversão de D. Gabriella Augusta Carneiro Leão, irmã do Marquês do Paraná e do Barão de Santa Maria, e sua filha Viscondessa do Cruzeiro, Maria Henriqueta Carneiro Leão. Buscando a hegemonia de sua posição religiosa, a Igreja Católica vislumbrou na disseminação da fé protestante no meio da aristocracia brasileira um eminente perigo, promovendo os clérigos discursos nos quais se incentivava a repressão dos *Nova Seita* como assim eram denominados os protestantes.

Os esforços do Núncio Apostólico até fizeram com que Kalley tivesse provisoriamente seu direito de exercer medicina cassado no Brasil, e que seus vendedores de Bíblias enfrentassem repressão por parte de setores conservadores do governo. Tais ataques só foram amenizados depois da denúncia levada a efeito pelos ingleses ao seu Cônsul, e a ameaça de

²¹ Pedro Nolasco de Andrade, foi o primeiro brasileiro convertido ao protestantismo pelas denominadas Igrejas de Missão. Com seu batismo foi possível organizar a primeira comunidade protestante no Brasil com um brasileiro convertido. (Forsyth, 1988)

²² Existem registros de presenças anteriores de outros grupos protestantes no Brasil, mas estes limitaram-se a realização de suas cerimônias nas línguas de seus respectivos países de origem. (Oliveira, 2006)

uma crise diplomática com a Grã-Bretanha, fez com que a perseguição ficasse apenas no campo das ideologias e relações de poder.

Estabelecida a Igreja Evangélica Fluminense, em 1858 o missionário inglês concentrou seus esforços e influência para garantir mais igualdade entre os protestantes e católicos brasileiros. Além de debates por meio da imprensa local com os bispos católicos, ele passou a questionar as posições constitucionais do Império, que não reconheciam a validade do casamento de acatólicos, o direito ao sepultamento destes em cemitérios públicos e a construção de seus templos. Seus questionamentos receberam parecer favorável dos doutores Dr. Joaquim Aurélio Nabuco Dr. Urbano Pessoa de Melo e Dr. Caetano Alberto Soares.

Os projetos missionários empreendidos no Brasil, segundo LEONARD (2013, p. 125) não tinham apenas a pretensão religiosa, mas fazia parte do Projeto Internacional das Missões Modernas²³, que acreditava que o ideal protestante marcado por sua cultura de forte caráter europeu precisava ser aplicado nos países subdesenvolvidos com a finalidade promover a justiça social e o verdadeiro progresso civilizatório.

Daí a Forte preocupação por parte das comunidades protestantes em fundar, próximo de seus templos, instituições de ensino, asilos, orfanatos e hospitais. Além dos projetos sociais, as missões tinham o objetivo de implantar uma igreja brasileira, porém com uma cultura marcadamente estrangeira nos aspectos políticos, educacionais e econômicos.

As marcas que a cultura protestante lançou no Brasil, tanto em aspectos religiosos quanto comuns, é objeto da análise de Novais (p. 292. 1997) ao esmiuçar as práticas culturais oitocentistas no Brasil. A moda europeia oriunda de países protestantes, era alvo do interesse do público feminino, assim como a liberdade das mulheres protestante de saírem a rua desacompanhadas de seus cônjuges. Na Inglaterra, as mulheres saíam sozinhas sem problemas, numa demonstração que o patriarcalismo brasileiro tolhia a vida feminina, aprisionando e submetendo moças e mulheres ao recôndito dos lares.

A prática das inglesas, na maioria protestantes, gerava certo escândalo na percepção da sociedade brasileira, Sarah Poulton Kalley teve sérias dificuldades de organizar a Sociedade de Senhoras (habito comum nas igrejas europeias) da Igreja Fluminense, pois estas não viam com naturalidade sair de suas residências sozinhas e dependiam do acompanhamento de alguém até o local das reuniões, o que ocasionava embaraços.

²³ As denominadas Missões Modernas, foram criadas para levar o protestantismo aos territórios não evangelizados. São tratadas como “modernas” por não terem correlação com o protestantismo de imigração. E detinham propostas sociais, políticas, econômicas e culturais para a sociedade. (Léonard, 2013)



Figura 3: Sarah P. Kalley, 1859
Fonte: Acervo da Igreja Fluminense

A vida religiosa do protestantismo, desde seus primórdios se ancorou na não limitação dos serviços devocionais ao ambiente do Templo. Fundamentados na Doutrina do Sacerdócio Universal, os protestantes, desde a Reforma, foram incentivados a praticar orações regulares no seio de seus lares em momentos específicos do dia, assim como a desenvolver o estudo sistemático da Bíblia²⁴ de forma particular.

Observe que na Figura 3, Sarah Kalley, está no momento de leitura da Bíblia Sagrada, princípio fundamental na prática religiosa protestante, e que consiste numa das principais diferenças com o catolicismo no que tange ao trato do texto Sagrado. Outro fator a ser destacado era a limitada condição de alfabetização no Brasil oitocentista, muito mais agravado contexto feminino.

Esta prática desenvolveu comunidades distintas e intelectualmente bem elaboradas. Por incentivarem o hábito da leitura, os protestantes quebraram o padrão católico, de fiéis,

²⁴ Desde os primórdios do pensamento luterano, a Reforma Protestante dedicou-se a tradução da Bíblia, para todas as línguas vernáculas, ao entender que qualquer cristão teria condições intelectuais e espirituais para compreender as Escrituras, sem a mediação exclusiva da Igreja Católica. A Declaração de Fé e Ordem de Savoy, no Cap. 1 – VIII, afirma: “Nem todas as coisas são, em si mesmas, igualmente claras nas Escrituras, nem igualmente evidentes a todos; não obstante, aquelas coisas que precisam ser conhecidas, cridas e observadas para a salvação são tão claramente expostas e visíveis, em um ou outro lugar da Escritura, que não só os doutos, mas também os não instruídos, mediante o devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma compreensão suficiente delas” (Cardoso, 2001)

analfabetos, que dependiam exclusivamente do seu pároco para ter acesso as Escrituras Sagradas.

O apelo a musicalidade como ato devocional, próprio da tradição protestante, também foi difundido no Brasil, função que ficou a cargo de Sarah Poulton Kalley.

Musicista, Sarah Kalley organizou o primeiro volume com músicas sacras do protestantismo em língua portuguesa, reunindo melodias dos mais célebres compositores europeus, a que deu o nome de Hinário de Salmos & Hinos.

O protestantismo brasileiro dedicou-se a uma liturgia em estilo europeu com musicalidade flexível no uso do canto congregacional, canto coral e orquestras sinfônicas para os serviços dos cultos religiosos. Toda a congregação era atuante na entonação dos cânticos, distinguindo-se dos ritos católicos mais afcionados a cantores líricos e profissionais.

Após a efetiva consolidação da Igreja Evangélica Fluminense, e os direitos adquiridos por Kalley, tais como maior liberdade de culto e a realização de casamentos, já permitiam que a expansão do protestantismo de tradição congregacional pelo interior do Brasil fosse aplicada.

No ano de 1863, o Rev. Kalley, iniciaria as atividades da Igreja Evangélica de Niterói, familiares e membros da Igreja Fluminense, pleiteavam junto a primeira igreja o início de atividades locais em Niterói, pelo fato de ali residirem. O Templo seria oficialmente inaugurado somente em 28 de março 1902.

Em 19 de outubro de 1873, o Dr. Kalley organizou e fundou oficialmente a Igreja Evangélica Pernambucana²⁵ que seria a segunda igreja congregacional no Brasil. FORSYTH (1988), nos apresenta o fato que Kalley, em sua viagem de mudança para o Brasil, parou primeiro em Recife, antes do destino final no Rio de Janeiro, o missionário vislumbrou a agitação e dimensão demográfica elevada do Recife, considerando esse lugar uma verdadeira capital do norte, servindo de ponto de irradiação para que o protestantismo nacional se espalhasse pelas províncias ao norte do Império.

À semelhança do trabalho no Rio de Janeiro, seguia o modelo congregacional. No Norte²⁶ do Brasil, a Igreja Evangélica Pernambucana sofreu forte oposição e gravíssimas perseguições por parte dos clérigos da Igreja Católica.

Robert Reid Kalley e sua esposa, Sarah P. Kalley, atuaram no Brasil por 21 anos, antes de retornar para Escócia. Antecipando sua ausência e temendo possível diluição dos pilares do

²⁵ A Igreja Evangélica Pernambucana, foi a segunda igreja protestante com nativos organizada no Brasil. A partir de seus esforços missionários o interior do nordeste brasileiro seria alcançado. (Cardoso, 2001)

²⁶ E relevante considerarmos o fato de que a geografia política no Império dividia o território em Norte e Sul, não existindo as demais divisões hoje conhecidas, por exemplo, nordeste.

protestantismo, apresentou às Igrejas evangélicas que fundara (Fluminense, Pernambucana e Niterói), um documento confessional que ficou conhecido como *Os Vinte e Oito Artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo*, com a finalidade de nortear os embasamentos teológicos das igrejas congregacionais brasileiras.

Observa-se naquele documento o afastamento de Kalley dos ritos presbiterianos e batistas criando uma inovadora proposta de Igreja Reformada Nacional. Os ritos batistas ou presbiterianos coincidem com os ritos congregacionais em termos cronológicos, as razões pelas quais o Dr. Kalley, não deu prosseguimento a forma de batismo pedobatista é um mistério ainda não revelado pelas fontes conhecidas.

Kalley faleceu em Edimburgo no dia 17 de janeiro de 1888, um ano antes de ver seu estimado amigo, D. Pedro II, ser deposto do trono brasileiro pelos militares republicanos.

Sarah Poulton Kalley, seguindo os anseios de seu esposo, criou a sociedade missionária *Help for Brazil*, que durante muitas décadas continuou enviando missionários para o Brasil, atendendo os rincões interioranos do vasto país. A missão obteve êxito na evangelização nacional, sobretudo no norte, os trabalhos dessa missão dariam origem posteriormente a denominação Igreja Cristã Evangélica, que embora seja congregacionista na forma de administração eclesiástica, é imersionista na forma do rito batismal. A sociedade era sediada em Londres, e recrutava missionários de qualquer denominação protestante que almejassem atuar no Brasil.

Dr. Kalley, aplicou os ideais congregacionistas em essência no protestantismo brasileiro, as três igrejas por ele fundadas atuavam de forma autônoma e independente umas das outras, e se engajariam na constituição de novas comunidades da mesma fé e ordem pelo território. CESAR (1983), mostra-nos que em 1913, já existiam 13 igrejas evangélicas independentes. Estas se agruparam e fundaram UIEI – União das Igrejas Evangélicas Indenominacionais, essa razão social se dava pelo fato de que as comunidades embora fossem congregacionais só adotariam essa nomenclatura posteriormente no fim da década de 1927 quando passaram a denominar-se UESA - União Evangélica Sul Americana. Havia receio de adotar o termo “congregacional”, em face de que as Igrejas Congregacionais Norte Americanas estavam deixando a ortodoxia protestante e aderindo a princípios liberais, fazendo com que os líderes nacionais sentissem medo de uma associação em face da nomenclatura com as igrejas infiéis norte americanas.

Em 1949, seriam anexadas as Igrejas Cristãs Evangélicas (resultado dos trabalhos da Missão Help For Brazil), formando assim a UIECB – União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil. Perceba que somente no início da década de 1950 a

nomenclatura congregacional irá ser adotada de forma denominacional, haja vista que diversas igrejas locais já utilizavam.

De forma pacífica as Igrejas Cristãs e Congregacionais, decidem romper a unidade institucional, aonde cada uma se reorganizaria. Em 1969, foi criada de fato a UIECB²⁷ – União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, que tem sua durabilidade até os dias contemporâneos e deteria a posição hegemônica do congregacionalismo kalleyano no Brasil até 1967.

²⁷ UIECB – União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, órgão federativo que agremiava até 1967 todas as igrejas congregacionais de origens kalleyanas no Brasil. (César, 1983)

CAPÍTULO III

O CONGREGACIONALISMO EM CAMPINA GRANDE

As raízes congregacionais já haviam perfurado com profundidade o solo pernambucano, e por meio da migração de protestantes de tradição congregacional para regiões do estado da Paraíba, voltados à missão de evangelizar, a fé congregacional chegou à capital paraibana e as principais cidades do interior, por exemplo, Campina Grande e Patos.

Campina Grande nas décadas de 1920/30 era uma cidade próspera e em expansão. A produção algodoeira, gerou riquezas e transformações profundas no cenário da cidade. Que iria revelar sua grandeza econômica por meio das reformas urbanas.

Diversas indústrias ligadas a produção de algodão instalaram-se em Campina Grande, fazendo desta a *capital* do trabalho; No início do Século XX, a arrecadação fiscal do estado na Rainha da Borborema era superior ao que se recolhia na própria Capital paraibana. A riqueza do algodão trouxe a linha férrea para a cidade, e deu a Campina Grande condições de competitividade no mercado internacional.



Figura 4: Primeiro Templo Congregacional de Campina Grande
Fonte: Acervo Igreja Congregacional de Campina Grande

Atraídos pela pujança da produção algodoeira, em 1901 mudaram-se para Campina Grande, oriundos do Recife, o casal Olinto Cordeiro de Souza e Rita Maria Cordeiro que, após adquirirem um exemplar do Novo Testamento e submeterem-se à leitura cuidadosa do volume, converteu-se à fé protestante. Segundo CÉSAR (1983), Sinfrônio Costa ²⁸era o evangelista local, e auxiliou na conversão dos dois primeiros membros da igreja na cidade, pejorativamente tratada por “Nova Seita” pelos católicos campinenses.

Em pouco tempo, a residência de Olinto Cordeiro de Souza abrigou a primeira congregação²⁹, posteriormente transferida para a casa de Júlio Galdino, um dos primeiros convertidos, onde se realizavam os primeiros cultos públicos. À época, davam assistência a pequena congregação campinense os reverendos James Haldanes e Júlio Leitão de Melo, contudo esse auxílio pastoral era interino, sem vínculo pastoral efetivo com a igreja.

Quando a Congregação adquiriu um terreno na Rua do Açude Novo, atual Rua 13 de Maio, onde se deveria construir o primeiro templo congregacional conforme vemos na Figura 4, traria forte impacto na vida religiosa campinense com o estabelecimento em caráter definitivo dos protestantes.

O Império Brasileiro fora deposto desde o final do século passado, os membros da monarquia foram expulsos do país e o sistema de Padroado perdera o sentido. Com a instauração do regime republicano, as limitações para o Culto Protestante foram oficialmente extintas, abrindo-se o caminho para as Missões de Evangelização preconizadas por Robert Reid Kalley no século anterior. Agora, não mais se proibia a construção de templos que não fossem católicos, e a decisão de construção de uma vistosa sede para a Igreja Congregacional reverberou entre os poucos membros locais.

Em 15 de novembro de 1920, iniciaram-se a construção do Templo, modesto e condizente com a condição humilde e número de fiéis, conforme a Figura 4. O edifício da igreja foi oficialmente fundado pelo Reverendo James Haldanes, que assumiu o pastorado de forma interina até 1922, quando foi substituído pelo Reverendo Henry Briault³⁰, que administraria os trabalhos, por cinco anos. Antes de aqui chegar, Briault vinha da cidade de Caruaru, onde estava à frente do trabalho congregacional. Rev. Briault, era inglês, e atuou pela *Help For Brazil*, desde o início de 1920, na propagação do protestantismo na Paraíba e

²⁸ Sinfrônio Costa, atuou como evangelista na cidade de Campina Grande, é o pai do Rev. Raul de Souza Costa.

²⁹ Na Eclesiologia congregacional existe uma diferença entre Congregação e Igreja. Uma comunidade evangélica só é considerada igreja quando conquista sua autonomia financeira em relação a sua sede, possui um Conselho de Presbíteros e Diáconos próprios. Trata-se por Congregação, comunidades de menor porte e que tenham dependência administrativa e econômica de sua respectiva sede.

³⁰ Reverendo Henry Briault, foi responsável pela plantação de inúmeras igrejas congregacionais no sertão paraibano, dentre elas a Igreja Evangélica de Patos. Era alvo de fortes perseguições e calúnias movidas do Frei Damião em suas Missões. (Sylvestre, 2014)

Pernambuco, era conhecido entre os fiéis mais humildes, como Rev. “Brió”, já que não conseguiam pronunciar corretamente seu nome.

Os estatutos da Igreja determinavam que os pastores deveriam ser eleitos, atendendo as normas previamente estabelecidas, além de serem ministros da UIECB, precisavam comprovar por meio de votações com *escrutínio* secreto a aceitação da Igreja.

“Para ser efetivado como pastor da Igreja, o candidato deverá ser: a) encaminhado à Assembleia de Membros para votação, e eleição, conforme estabelece este Regimento. b) Empossado em culto público solene convocado para este fim no qual assinará o termo de posse do livro de atas da Igreja, e que nesta ocasião declare assumir as responsabilidades eclesiais e espirituais da Igreja” (Estatuto Igreja Congregacional. Cap. IV, Art. 22).

Os documentos oficiais da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, registram, em Ata no dia 30 de junho de 1927 a eleição do Reverendo João Clímaco Ximenes³¹. Antes de chegar à cidade, Ximenes, então com 27 anos na condição de seminarista, havia trabalhado por dois anos na cidade Caruaru, aonde obteve experiência, sendo depois enviado para o Seminário Presbiteriano do Norte em Recife, para concluir seus estudos.

O trabalho pastoral de Ximenes, foi marcado por um grande avanço no protestantismo campinense e paraibano. Pelo menos vinte congregações foram abertas no segundo ano da gestão Ximenes; criou-se a Missão Evangelizadora do Nordeste, para atingir o interior paraibano com a introdução do protestantismo nas cidades de Patos, Areia, Alagoa Nova, Guarabira, Ingá, Itabaiana, Cajazeiras e agreste pernambucano. Em pouco mais de dois anos o quadro de membros duplicou, com cerca de 150 frequentadores da catequese na Escola Dominical. Com o crescimento contínuo e vertiginoso, e com a conversão de inúmeros fiéis, o primeiro templo já não comportava os membros, sendo realizada a primeira reforma, a filha do Pr. Ximenes, Hilda Barbosa Ximenes, nos relata:

“Papai, se aproximava dos empresários e profissionais liberais membros ou não da igreja e pedia dinheiro para a Reforma do Templo. Cada um dava o que podia. Ele não se envergonhava pedia mesmo. E aos poucos os recursos iam surgindo, para ampliar a igreja, ele falava dos projetos imaginados por ele para o Templo, de forma entusiasmada”. (Ximenes, 2019)

³¹ João Clímaco Ximenes, nasceu em 25 de outubro de 1895, em Camelas-Pernambuco, formou-se pelo Seminário Presbiteriano do Norte em 1925. Pastoreou a Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande por 33 anos. Fundou trabalhos congregacionais por toda a Paraíba e Agreste Pernambucano, por meio da Missão Evangelizadora do Nordeste organizada em 1935. (Souza, 1990).



Figura 5: Primeira Reforma do Templo Congregacional.
Fonte: Acervo da Igreja Congregacional de Campina Grande

Perceba que Hilda, então adolescente na época, relata com precisão o caráter entusiasmado que Ximenes, empregava na busca de recursos para reforma do templo.

“Minha mãe tinha uma máquina de costura, naquele tempo isso era coisa cara. Quando faltou dinheiro para acabar o muro do templo reformado, ela vendeu sua máquina de costura. Lembro que ela sentiu muita pena, mas falava que Deus iria lhe dar outra ainda maior. Meu pai não queria que ela fizesse isso, mas ela insistiu e disse que era a ajuda dela para a Casa de Deus” (Ximenes, 2019)

Nesse mesmo momento fora erguida ao lado do templo a Casa Pastoral, um edifício amplo, não sabemos com exatidão a quantidade de quartos, porém eram suficientes para o conforto da numerosa família pastoral, a Figura 5, aponta para os anseios da comunidade congregacional em edificar um Templo que identificasse a localidade como um espaço religioso e demonstrasse a afirmação do poder econômico dos protestantes campinenses. A residência pastoral também servia para abrigar missionários e conferencista que vinham a convite da igreja.

A Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, filiada a UIECB, era na década de 1930-50 a maior Igreja Congregacional da América Latina, contando nesse período segundo dados administrativos da própria igreja com cerca de dois mil membros batizados, o crescimento significativo da Igreja Congregacional em Campina Grande, pode ser atribuído tanto a Missão Evangelizadora do Nordeste, como as campanhas missionárias realizadas por Ximenes, nas mais diversas áreas da cidade e localidades adjacentes.



Figura 6: Cruzada Cristo Esperança Nossa, 1960
Fonte: Acervo da Igreja Congregacional de Campina Grande

Na década de 1950, o Reverendo João Clímaco Ximenes, lançou a Cruzada Missionária “Cristo Esperança Nossa”, apresentada na Figura 6, inspirado nas campanhas missionárias do pastor norte-americano Billy Graham, no Brasil. A cruzada era realizada no Campo de Futebol Getúlio Vargas em Campina Grande, e se caracterizava por grandes reuniões festivas de membros e protestantes de variadas localidades, que acorriam à Campina Grande para participar dos encontros. A realização de pregações por oradores poderosos, como o próprio Ximenes, inflavam a multidão que as centenas convertiam-se ao protestantismo. As principais e tradicionais denominações protestantes cooperavam a convite do Pr. Ximenes, especialmente as igrejas presbiterianas e batistas da região, nomes consagrados da música evangélica do período, tais como Luis de Carvalho e Feliciano Amaral, eram convidados a vir participar. Na ocasião, divulgavam seus LP’s e sempre

vendiam muitos exemplares aos membros, que consumiam avidamente a música sacra por eles executada.

A influência do Reverendo Ximenes pode ser sentida na sociedade campinense, paraibana e nordestina. Tendo como projeto sócio-político tornar Campina Grande uma cidade culturalmente marcada pela fé evangélica, esforçou-se em penetrar nos círculos culturais, políticos e financeiros da cidade, num período em que a mesma apresentava grande prosperidade econômica. Ximenes, exercia autoridade eclesiástica sobre boa parte do empresariado campinense, além de ter membros congregacionais presentes nos mais diversos setores da sociedade, que obedeciam rigorosamente os princípios morais estabelecidos pelo protestantismo e se submetiam à vontade do pastor, conhecido por seu rigor moral.

“A importância dos congregacionais não está vinculada apenas à história da fé cristã protestante. Limitar suas ações somente à História da Igreja seria um equívoco, pois como atores sociais dentro de um contexto histórico específico os congregacionais com a sua experimentação eclesiástica foram representantes, dentro de um arcabouço religioso, de uma verdadeira Teoria Social.” (Junior, 2018)



Figura 7: Última Reforma do Templo Congregacional, 1963
Fonte: Acervo da Igreja Congregacional de Campina Grande

A criação do Colégio Evangélico, em 30 de dezembro de 1931 se desataca como um dos maiores feitos de João Clímaco Ximenes, que assumiu importância ímpar no cenário da educação campinense (SOUSA, p. 14, 1992). Para abrigar o Colégio, Ximenes ordenou a ampliação do conjunto arquitetônico congregacional, cujas instalações serviam também às reuniões da Igreja nos finais de semana. O patrimônio da Igreja já constava do Templo, a Casa Pastoral, o Asilo Evangélico e o Colégio Evangélico.

Em meados da década de 40, é preciso expandir novamente a área do Templo, que já não agremia todos os membros para as celebrações dominicais. A segunda reforma terá início e será a última da era Ximenes, de forma apoteótica a igreja lança-se a um desafio grandioso, erguer um Templo superior ao da Catedral Diocesana, a Figura 7, mostra-nos a consolidação das ambições arquitetônicas para o Templo Congregacional, que gozaria de uma torre central com relógios e duas torres secundárias na sua frente. Movido por esse ímpeto anseio, Pr. Ximenes, irá lançar mão de toda sua influência e habilidade no levantamento de recursos para a ampliação do templo, deixando-o nos moldes atuais, tornando-se Catedral Evangélica Congregacional de Campina Grande.

“Papai, foi pedir ajuda de muita gente importante, pessoas que o admiravam a muito tempo. Gente que passou pelo Colégio Evangélico, ou que tinham seus idosos hospedados em nosso Asilo. Pessoas que o ouviam pregar no rádio ou nos cultos públicos. Muitos descrentes, ajudavam pois viam no meu pai, um homem de caráter e confiança! Lembro que o relógio da torre foi em parte doado por um frade alemão, e papai conseguiu o dinheiro restante. Alemães que instalaram! As engrenagens do relógio que ficavam no interior da torre eram imensas. E marcavam pontualmente o horário, com suas badaladas precisas” (Ximenes, 2019)

A Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande mantinha, nesta época, inúmeras congregações nas sub-regiões do estado da Paraíba, e no Agreste Pernambucano. Além desta, em Campina Grande, já estavam organizadas a 2ª Igreja Congregacional, no bairro do Centenário, e a 3ª Igreja Congregacional no Bairro de José Pinheiro.

Ximenes, já idoso e com a saúde fragilizada, em 10 de novembro de 1963, veio a falecer; já havia deixado a direção da Igreja Congregacional, ficando está sob a direção do Rev. Raul de Souza Costa, sobrinho de sua esposa. A notícia de sua morte foi recebida com grande comoção pela comunidade campinense, até mesmo por aqueles que embora não fossem membros de sua igreja eram profundos admiradores de seu trabalho. Notas de pesar foram proferidas durante todo o dia pelas emissoras de rádio da cidade.

O corpo de Ximenes, foi levado para a Catedral Evangélica Congregacional de Campina Grande, na Rua Treze de Maio, aonde foi velado:

“A igreja não esvaziou por nenhum momento, vinham pessoas de todas as partes do sertão da Paraíba, do Recife e do agreste pernambucano! O Oficiante da cerimônia, foi meu primo o Rev. Raul Costa foi muito lindo o culto, a igreja só cantou os hinos de nosso hinário que ele mais gostava. Tivemos a presença de muitas autoridades públicas e eclesiásticas. Até o Convento das Clarices, mandou tocar os sinos quando o cortejo passou, as freiras admiravam o meu pai! Quando a cerimônia fúnebre terminou, a multidão protestou dizendo que o caixão de meu pai, tinha que ser levado pelo braço! E seguimos pelas ruas deixando o Templo, e passando pelo centro, em direção ao Cemitério do Monte Santo. A banda tocava sem parar e cantamos repetidamente o hino favorito, composto em 1888, “*Rio da Vida*” do Hinário Salmos & Hinos nº568. (Ximenes, 2019)

Sua memória conceituada é cultivada até os dias atuais por meio da literatura, pesquisas históricas e constituição de patrimônios imateriais da comunidade evangélica congregacional, ainda que questionavelmente a historiografia acadêmica campinense ignore sua obra e participação na formação social de Campina Grande.

O pensamento de vida cristã ocupa todos os elementos da cosmovisão, logo os protestantes apropriados dessa perspectiva, constituem suas vidas arraigadas aos modos do pensamento cristão, que abarca desde o nascimento até a morte, uma vida e morte cristã. “*A vida e a morte – problemas essenciais para toda sociedade – permaneceram até uma data recente desconhecidas para o historiador*” (LE GOFF, p. 118. 1988). Como podemos pensar a morte no contexto protestante? Mesmo a fé evangélica já consolidada na década de 1960, os cemitérios ainda eram arquitetonicamente marcados pelos símbolos católicos que ali se afirmavam. O historiador encontrará dificuldades de compreender a ideia de morte protestante se desconsiderar os elementos abstratos presentes nos signos relativos a morte. Para o protestantismo, antigos princípios primitivos do cristianismo são resgatados dando-nos o vislumbre de uma vida eterna, incomunicável com a terrena porém apresentada de forma gloriosa aos professos que se mantiverem fiéis até o fim.

CAPÍTULO IV

O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CONGREGACIONAL CAMPINENSE

Até o fim da década de 1950, o protestantismo brasileiro era dividido em dois grandes eixos de um lado os tradicionais que agremiavam as históricas denominações plantadas no Brasil pelos esforços missionários das Missões Modernas, do outro lado havia o bloco pentecostal liderado pelas Assembleias de Deus; os dois ramos não mantinham praticamente nenhuma interatividade, haja vista a discordância pneumatológica³²;

Contudo, é nítido que os efeitos do Movimento Pentecostal iniciado nos Estados Unidos em 1909, já começavam a serem sentidos nas denominações tradicionais; as grandes concentrações das Cruzadas Billy Graham, deram mais visibilidade a um formato evangélico diferente dos dois blocos conhecidos no Brasil, o fenômeno vivenciado nos Estados Unidos, começara a tomar força e atenção das comunidades protestantes brasileiras, surgindo aquilo que será denominado de Movimento Renovacionista, ou, Carismático!



Figura 8: Reunião de Busca da Renovação, 1967
Fonte: Acervo da Igreja Congregacional de Campina Grande

³² Pneumatologia - ciência teológica que estuda as manifestações e funções do Espírito Santo, na espiritualidade cristã. Os tradicionais afirmam que as manifestações carismáticas do Espírito Santo não ocorrem mais, os pentecostais insistem que não somente ocorrem mas consiste em um sinal sobrenatural da verdadeira conversão. (Lrwis, 2013)

Protestantes das comunidades tradicionais sentiam suas denominações frias e mórbidas frente aos desafios nacionais, ao passo que não simpatizavam com o rigor legalista das denominações pentecostais que impunham usos e costumes rigorosamente conservadores, a solução percebida segundo Lewis (2013), foi a composição de um novo modelo de igreja, que abarcasse tradicionais ávidos por mais fervor e pentecostais ansiosos por mais liberdade, em torno de uma mesma perspectiva teológica semelhante³³.

O intuito era de que pudessem coexistir e complementar-se. Na Figura 8, vemos que pessoas estão com as mãos erguidas em um momento que parece ser de oração no culto, essas reuniões da busca pela renovação, eram marcadas por posturas incomuns no tradicionalismo congregacional, levantar as mãos e expressões corporais, por exemplo, e que despertava incomodo em parte da membresia. Rosivaldo Araújo (2013), atuou como um dos principais defensores do Movimento de Renovação, pastor batista lecionava no Seminário Batista do Norte, Recife. Na direção efetiva da Igreja Batista de Casa Amarela, pregava sua mensagem de renovação espiritual. Em sua obra *“Ninguém Detém, é Obra Santa”*, ele expõe por meio de sua autobiografia, detalhes de como as ideias da Renovação Espiritual se difundiram no Brasil, a partir do Estado de Minas Gerais, o movimento encontra adeptos e força no Recife, posteriormente em João Pessoa na Primeira Igreja Congregacional de João Pessoa, sob a condução do Reverendo Catão e no Instituto Bíblico Betel.

Membros da Igreja Congregacional de Campina Grande, começaram a ter contato com o Movimento Renovacionista, amplamente consolidado no meio Batista em Recife, rapidamente essa nova percepção doutrinária começou a conquistar adesões dentro do congregacionalismo campinense que acabara de sair de um grande avivamento na década de 1960, com as cruzadas promovidas por Ximenes. Influentes famílias empresariais de Campina Grande, ligada à Igreja Congregacional aderiram a doutrina da renovação como, por exemplo, Família Brito! O diretório nacional da UIECB, temendo que as doutrinas Renovacionista penetrassem na maior Igreja Congregacional da América Latina, decidiu agir com velocidade na instalação do novo pastorado em Campina Grande, para tal foi designado o Reverendo Raul de Souza Costa, vindo do Rio de Janeiro, e conhecido por sua forte ortodoxia e fidelidade aos costumes tradicionais do congregacionalismo kalleyano.

³³ Pentecostais e Carismáticos não formam o mesmo grupo cristão, embora exista fortes semelhanças teológicas dentro da Pneumatologia, os grupos divergem quanto a atuação da terceira pessoa da Trindade Cristã. Para os pentecostais o fenômeno conhecido como “Batismo com o Espírito Santo” ocorre posteriormente a conversão, enquanto os carismáticos de origem tradicional, afirmam que o Espírito Santo, é implantado na vida do cristão no ato de sua conversão. (Berkhof, 1990)

Paul N. Lewis em seu trabalho *“Renovação na Igreja Brasileira”*, transcreve fragmentos de uma entrevista com o Rev. Raul de Souza Costa³⁴: *“Eles me consideravam ortodoxo, diziam que eu era o mais ortodoxo da denominação e o único que poderia conter essa situação”* (Lewis, p. 32, 2013). Raul de Souza Costa, conseguiu nos três primeiros anos de seu trabalho pastoral reconduzir a Igreja de Campina Grande, aos moldes tradicionais como ele mesmo menciona:

“Havia uma reunião de oração que vinha acontecendo há uns oito anos. Eles oravam de madrugada, pedindo a Deus que enviasse um reavivamento espiritual. Nas reuniões, havia sempre aqueles améns, améns, améns, e aquilo provocava em mim certo desconforto (como o fazia também com alguns membros antigos). Começamos a trabalhar e, de fato, em pouco tempo, conseguimos fazer com que a igreja silenciasse mais nas reuniões de oração a ponto de, ao terminarmos a oração final, não ouvir nenhum amém” (LEWIS, 2013, p. 57).

A Igreja Congregacional, demonstrava muito antes da chegada do Reverendo Raul de Souza Costa, inclinações para o movimento de renovação, o que nos permite lançar dúvidas sobre os discursos constituídos posteriormente, em que Raul de Souza Costa é indicado como o responsável pela penetração da renovação na igreja campinense, na realidade o mesmo demonstrou no primeiro momento o intento de frear essa nova postura doutrinária.

“Foi realizado um retiro espiritual, no qual, entre os pregadores, estava o Reverendo Enéas Tognini. ³⁵Ele veio com aquelas ideias de renovação, e alguns membros da igreja, receosos com a sua apresentação, pediram que eu refutasse as suas ideias. Assim fomos para o retiro dispostos a refutar tudo aquilo que Enéas Tognini dissesse” (Lewis, 2013).

Michel de Certau (2015), vai nos propor que em determinados momentos é fundamental a capacidade de readaptação para resistir as circunstâncias que nos cercam, é fato que o ambiente da Igreja Congregacional de Campina Grande, estava marcado por uma forte animosidade aonde o conflito de gerações se acentuava no interior da igreja, em que duas correntes teóricas se conflitavam na disputa pelo controle da situação, o que em Foucault reconhecemos como as relações de poder.

Como discutido no início desse trabalho, a vida da comunidade congregacionalista é marcada pela decisão compartilhada por meio das assembleias de membros, forma de governo eclesial que nem sempre é favorável ao pastorado, que precisa demonstrar habilidade política de lidar com as mais diversas situações, portanto, é possível que algo semelhante tenha sido imposto a Raul de Souza Costa, ou como, Rosivaldo Araújo (2013), afirma uma incontrolável “Obra Santa” estava em curso na vida da comunidade protestante mais antiga da Paraíba.

³⁴ Sucedeu Ximenes, na condução pastoral da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, tinha formação jurídica, atuava como advogado, foi diretor da Escola Evangélica de Campina Grande, e um dos fundadores da FURNE, do Curso de Direito, atual UEPB.

³⁵ Reverendo Enéas Tognini, Pastor Batista, membro fundador da Convenção Batista Nacional, Presidente de Honra da Sociedade Bíblica do Brasil. Fundador do Seminário Batista de São Paulo. (Lewis, 2013).

“Contudo, naquele retiro, surgiram alguns fenômenos interessantes: dentre eles, a cura de um homem que compareceu apenas para se distrair. Ele já estava desenganado pelo médico, tinha problemas no duodeno, uma úlcera que já atingira o ultimo grau. (...) naquela reunião, senti alguma coisa tocar-lhe o estômago e disse: Eu estou curado! (...) aquilo contagiou todo o acampamento. Saíram cantando, glorificando a Deus, e foi uma festa” (Lewis, 2013, p.58)

É muito comum, em todas as narrativas renovacionistas identificarmos fenômenos sobrenaturais como curas, exorcismos, sinais maravilhosos que a semelhança dos milagres bíblicos, são provas da veracidade da mensagem pregada. Tais, manifestações também podem ser localizadas nas narrativas tradicionais dos grandes avivamentos, contudo, um fenômeno específico, falar em línguas “*estranhas*” sempre revelou-se como fonte das mais severas divergências:

“Outro fenômeno aconteceu com uma jovem missionária, Dorcas. Ela estava orando sozinha e sentiu algo diferente; começou a falar em línguas estranhas. Esses fenômenos deixaram-me um pouco confuso porque, como sabem, nós aprendemos, no seminário, que o Espírito Santo tem de agir dentro de certos parâmetros. Quando passa disso, deixa de ser Espírito Santo: isto é, o Espírito Santo está subordinado ao homem, ele está à disposição do homem e não o homem à disposição do Espírito Santo” (Lewis, 2013, p. 59)

Os comportamentos religiosos tendem a sofrer alterações com o passar do tempo, e a mudança inevitável com a transição de gerações é um fator em última instância cultural e social, que reverbera no comportamento religioso. Sendo assim, podemos em Le Goff observar que:

“As mudanças religiosas só se explicam, se admitirmos que as mudanças sociais produzem, nos fiéis, modificações de ideias e de desejos tais que os obrigam a modificar as diversas partes de seu sistema religioso. Há uma continuidade de ida e volta, uma infinidade de reações entre os fenômenos religiosos, a posição dos indivíduos no interior da sociedade e os sentimentos religiosos desses indivíduos” (LE GOFF, p. 106, 1988).

Se as posições que os indivíduos ocupam no interior da sociedade tendem a refletir em seu comportamento cultural e religioso, podemos correlacionar que para além das manifestações místicas que a renovação proporcionava, os elementos sociais no interior da igreja gritavam por uma liberdade frente ao ambiente repressor que a sociedade brasileira estava vivenciando na década de 1960 com o Regime Militar.

A presença de Enéas Tognini, pregando na Igreja Congregacional de Campina Grande, e paralelamente a ele, o Pr. Manoel de Melo ³⁶promovendo cultos públicos na Praça da Bandeira, criaram uma atmosfera favorável a renovação. A postura cada vez mais branda do Reverendo Raul de Souza Costa, diante destes fatos despertaram a desconfiança dos membros mais fundamentalistas e da direção da UIECB.

³⁶ Pr. Manoel de Melo, foi fundador da Igreja Pentecostal o Brasil Para Cristo, uma cisma da Assembleia de Deus. Defensor das doutrinas carismáticas, visitava diversas regiões do Brasil pregando a Renovação.

“Na quinta-feira da semana seguinte, recebi uma carta do presidente da Junta Regional da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil solicitando explicações minhas. Queria saber o que estava acontecendo aqui na igreja e por que eu estava introduzindo elementos estranhos na congregação – ele se referia a visita de Manoel de Melo. (...) eu não respondi. Pedi aos oficiais que respondessem em meu lugar, e eles relataram que não havia nada demais. O que havia era muita alegria no Espírito, muito entusiasmo, muita dedicação, consagração e o templo era pequeno para comportar as multidões que subiam para ouvir a Palavra de Deus” (Lewis, 2013, p. 60)

Raul de Souza Costa, ainda nutria uma postura dúbia, não apresentando muita certeza de qual caminho tomaria em seu ministério pastoral a frente da Igreja Congregacional de Campina Grande. Os setores opostos no interior da igreja se faziam representar em todas as instancias administrativas da comunidade, e rapidamente iniciam uma campanha discursiva junto a denominação propondo votos de desconfiança para o pastorado.

Costa, era cada vez mais pressionado a tomar uma posição definitiva; é importante lembrar que esta situação de embate percorria todas as denominações tradicionais no Brasil, e muitas já haviam experimentado rupturas dolorosas, o que tornava ainda mais insalubre a situação frente a possibilidade de cisma; em busca de uma definição, Raul afirmava segundo Lewis:

“Durante uma reunião eu, (...) estava pensando na cura de minhas enfermidades. O que eu estava precisando era de energias espirituais. Pedi insistentemente. Então Deus usou a esposa do nosso irmão Walter Brito para entregar uma mensagem em língua estranha. Pedi em oração que se aquilo fosse de Deus, a mensagem fosse entregue em português. Assim, a mensagem veio em português. A primeira parte foi direcionada a mim, dizendo que eu deveria confessar todos os meus pecados porque eu seria abençoado naquela noite. (...) resolvi confessar tudo ao Senhor. (...) nós continuamos a oração, nós nos levantamos, e comecei a sentir algo estranho. Era como se tivesse feito uma viagem longa em terreno escaldante, sol quente e estivesse chegando até debaixo de uma árvore frondosa e o vento começasse a soprar suavemente, soprando. Senti que alguma coisa vinha sobre mim, levantei-me e cai sobre uma cadeira e comecei a rir, a chorar e a glorificar a Deus. De fato, daquele momento em diante, não senti mais nada – absolutamente nada, das minhas enfermidades” (Lewis, 2013, pp 61-62)

Aqui temos o momento de ruptura pessoal do Pr. Raul de Souza Costa, com suas convicções tradicionalistas. Em face disto seus sermões e atividades teológicas passaram a fazer ampla defesa da renovação, os cultos foram remodelados e a “liberdade” do Espírito fora constituída nas liturgias, o resultado temido outrora agora era iminente, a maior Igreja Congregacional da América Latina, sofreria a mais alardeada divisão da história eclesial protestante no Brasil;

CAPÍTULO V

O GRANDE CISMA CONGREGACIONAL CAMPINENSE

O resultado temido em todas as igrejas congregacionais do Brasil, anterior à chegada do Pastor Raul Costa em Campina Grande, era iminente ante a adesão do dito pastor ao Renovacionismo, evidenciando-se quando a maior Igreja Congregacional da América Latina vivenciou a debandada de muitos dos seus mais antigos membros.



Figura 9: Rev. Inácio Cavalcante Ribeiro, 1968
Fonte: Acervo da Igreja Congregacional de Campina Grande

Grupos conservadores sentiram-se frustrados, atingidos em suas convicções espirituais ante as novas posturas do pastor e, após encaminharem denúncias ao Diretório Nacional da UIECB, deixaram a Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, localizada na Rua Treze de Maio e passaram a reunir-se na 3ª Igreja Congregacional, em José Pinheiro, sob os cuidados pastorais do Rev. Inácio Cavalcanti Ribeiro³⁷ conforme a Figura 9 apresenta o mesmo despedindo a igreja com a Bênção Apostólica. A situação seria provisória até que a questão fosse discutida no diretório e as medidas denominacionalista fossem aplicadas, isso apresenta os fortes conflitos em torno das relações de poder presentes na instituição: *“Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais”* (FOUCAULT, 1979, p.182).

³⁷ Rev. Inácio Cavalcante Ribeiro, era pastor congregacional, tendo atuado em importantes comunidades congregacionais pelo nordeste. Em 1967-1969, foi presidente da UIECB, que nesse momento atuava de forma independente da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristas do Brasil. (Cardoso, 2001)

Para além dos embates teológicos e doutrinários não podemos desconsiderar o fato de que o controle e unidade institucional estavam em jogo, o que moveria as relações de poder em torno da busca por sua afirmação e hegemonia.

“O grupo que saiu da igreja renovada, era...podemos dizer, elitizados! Além do que entre eles estava grande parte dos componentes do Conselho de Presbíteros e Diáconos da igreja. Eram negociantes, empresários e profissionais liberais. A saída deles foi um grande impacto econômico e social”. (Neto, 2019)

Em 1967, o então Presidente da UIECB, Rev. Inácio Cavalcante Ribeiro convocou uma Assembleia Extraordinária, na qual deveriam comparecer todos os pastores do Brasil. O local do Conclave seria em Feira de Santana – BA, aonde as igrejas kalleyanas deveriam se reunir por meio de suas delegações para avaliar e emitir posicionamentos frente aos fenômenos renovacionistas.

Um grande ponto de interrogação, ainda não esclarecido por falta de fontes, gira em torno da data correta do conclave. Como bem pontua o historiador Joelson Gomes (2017, p. 198), não se sabe se por engano ou de forma intencional, na emissão dos ofícios de convocação das igrejas, as comunidades que rejeitavam a renovação receberam correspondências que indicavam os dias 20 e 21 de julho como período do conclave, ao passo que as igrejas renovadas foram informadas pelo mesmo modelo de documento que o encontro seria nos dias 21 e 22 de julho.

Assim sendo, quando as delegações renovadas chegaram à Assembleia Extraordinária, esta já estava em curso, despachando decisões sobre os conflitos internos do congregacionalismo brasileiro. Os pastores adeptos da renovação foram alijados de participar das discussões iniciais e de se fazer presente no momento das acusações. Também não tiveram seus direitos legais de fazer uso de defesa, garantidos para defender suas posições e, após votação do plenário, todos foram excomungados da UIECB, devendo suas respectivas igrejas, caso acompanhassem suas predisposições doutrinárias, sumariamente ser desligadas da UIECB³⁸.

Os efeitos desta Assembleia foram desastrosos, promovendo uma cisão sem precedentes nas comunidades congregacionais por todo o país especialmente nas igrejas do nordeste, entre as comunidades sollicitas aos seus ministros renovados além de houveram disputas judiciais nas comarcas do Brasil afora, em torno dos bens patrimoniais das igrejas.

³⁸ O relato consta em <http://www.revistaotira.com/novo/index.php?cmd=link&linCodigo=3510>, acesso em 20/04/2019.

A respeito, atentemos para o fato de que os pastores foram expulsos da UIECB, junto de suas igrejas. Este dado é deveras interessante, se observamos que a UIECB, na ocasião, praticamente expulsara a igreja e seu ministro com o maior número de membros da América Latina, além de um vultoso patrimônio imobiliário e educacional na cidade, uma vez que a mesma já aderira ao Renovacionismo. O Pb. Osmar de Lima Carneiro, apresenta-nos em artigo de sua autoria no registro de suas memórias, o clima e que deram-se as reuniões do Conclave.

“Não demorou uma dezena de minutos, o Moderador do Concílio (que em todo o desenrolar da reunião não demonstrou qualquer habilidade moderada, sóbria, pia e justa) convocou a Comissão de Exame de Documentos e de Pareceres, para relatar o primeiro e principal documento do Evento. O documento era um verdadeiro libelo acusatório às Igrejas que estavam trabalhando de forma avivada e dependente de Deus: taxaram-nos de pentecostais de última hora, de “xangozeiros”, de embusteiros, de promotores de baixo espiritismo, de hereges, de anátemas, provocadores da desordem no culto, de profetas falsos, entre outros adjetivos. O documento só não nos denominava de crentes e, ao final, recomendava a exclusão dessas igrejas (Igreja Evangélica Congregacional de João Pessoa, Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, Igreja Evangélica Congregacional de Patos, II Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, Igreja Evangélica Congregacional de Natal, Igreja Evangélica Congregacional de Totó, Igreja Evangélica Congregacional do Pina) do rol de Igrejas da UIECB e que os seus pastores (desordeiros e falsos profetas – Jônatas Ferreira Catão, José Quaresma de Mendonça, Isaías Correia dos Santos, Moisés Francisco de Melo, Raul de Souza Costa, João Barbosa de Lucena e Roberto Augusto de Souza) fossem eliminados do seu quadro de Ministros. O Moderador, o Reverendo Inácio Cavalcanti Ribeiro (que era Presidente da Junta Geral e Pastor da III Igreja Congregacional de Campina Grande), após a leitura do PARECER DA COMISSÃO, sentia-se realizado e colocava o DOCUMENTO E O SEU PARECER à submissão da douta Assembleia.” (Carneiro, 2019)

As Igrejas desligadas e seus respectivos pastores se reorganizaram, em 13 de agosto de 1967, sob a égide denominacional de Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil³⁹ (AIECB), tendo como seu primeiro presidente o Rev. Raul de Souza Costa, pastor da igreja de Campina Grande.

A criação da AIECB, ao invés de acalmar os ânimos dos tradicionalistas, acirrou a discórdia. Se estes membros, antes da excomunhão dos pastores e expulsão das igrejas da UIECB, já não mais frequentavam a igreja pastoreada por Costa, ao tomar conhecimento dos acontecimentos, o grupo de 73 membros rompeu, em definitivo, com a Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, locada na Rua Treze de Maio, nº250.

³⁹ A Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (AIECB) é um ramo congregacional adepto dos ideais renovacionistas. Porém com o passar dos anos tem buscado uma reestruturação fundamentada nos ideais congregacionais europeus, por meio da composição de suas confissões.

Para consolidar tal rompimento, os ditos membros moveram três processos judiciais contra a igreja, baseados no Estatuto⁴⁰ que afirmava, em caso de desvios doutrinários, o grupo fiel à denominação, ainda que minoria, deteria o direito ao patrimônio da Igreja. Lembremos que um grande templo havia sido construído nos anos de 1964, a ele se integrando a Casa Pastoral⁴¹ e as dependências do Colégio Evangélico⁴², fruto das remodelações posteriores.

Um conjunto arquitetônico valorizadíssimo, perceptível mediante as imagens da Figura 10, tanto por sua estética quanto pela localização, valeria, à época, uma notável soma de dinheiro. E o cisma que se operava no belo templo da rua Treze de Maio buscava justificação na tomada desses bens.



Figura 10: Casa Pastoral e Asilo Evangélico
Fonte: Acervo da Igreja Congregacional de Campina Grande

⁴⁰ “Havendo cisão entre os membros da Igreja causada por desvios dos usos, costumes, práticas litúrgicas, doutrinas históricas e tradicionais da Igreja, seja de grupo dentro da Igreja, seja do grupo denominacional ao qual esteja filiada, os bens da Igreja ficarão, por inteiro, sob o domínio do grupo que se mantiver fiel aos usos, costumes, práticas litúrgicas, doutrinas históricas e tradicionais da Igreja, mesmo que este grupo seja minoria, ficando os dissidentes excluídos, “*ex-officio*”, do rol de membros da Igreja”. (Capítulo V, Art. 20 – Estatuto da Igreja Congregacional de Campina Grande).

⁴¹ A Casa Pastoral, fica ao lado esquerdo do Templo. Tratava-se de um imóvel amplo para atender as necessidades da família pastoral e hospedar pregadores e missionários, foi remodelada e transformada em prédio anexo ao templo sem datação definida.

⁴² Fundado em 30 de dezembro de 1931, iniciou suas atividades no ano letivo de 1932, como Escola Paroquial, desenvolvendo suas atividades no prédio anexo ao Templo, teve como personalidades como membros da Família Gaudêncio, formados pela instituição. (Souza, 1980)

É provável que os impactos da expulsão de Raul Costa e os membros da igreja campinense da UIECB não tenha sido devidamente avaliada durante a assembleia promovida para excomunhão dos renovacionistas em Feira de Santana-BA. Ou, talvez, na certeza de que o patrimônio seria resgatado, tomando-se como base no Estatuto da Igreja, o prejuízo material não existiria. O certo é que, os adeptos do tradicionalismo, recorreram à justiça para recuperar este patrimônio, escancarando para a sociedade campinense o problema interno da igreja em si. A partir daí, a cisão congregacional tornou-se pública, motivando comentários de naturezas diversas nas rodas de conversas dos campinenses, fossem evangélicos ou não.



Figura 11: Igreja Congregacional de José Pinheiro, 1968
Fonte: Acervo da Igreja Congregacional de Campina Grande

Enquanto esses processos corriam, os antigos membros, adeptos do tradicionalismo, se reorganizaram como Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, vinculada à UIECB, provisoriamente nas dependências da 3ª Igreja Congregacional. Esta sigla denominacional fora acrescentada no novo registro, uma vez que os membros conservadores afirmavam ser a “*verdadeira*” igreja congregacional de Campina Grande, rechaçando, assim, a primitiva igreja. A reorganização da comunidade se deu em 07 de setembro de 1967, mas de forma unânime decidiu-se que a data de fundação dos trabalhos em Campina Grande deveria ser mantida, ou seja, 15 de novembro de 1920. Não se fundava, assim, uma nova igreja. Bem ao contrário, dava-se continuidade à antiga em local provisório. Porém os Registros de Atas⁴³, da fundação congregacional em Campina Grande, ficaram com o grupo renovacionista no Templo da Rua Treze de Maio. O ato que pressupõe a continuidade da

⁴³ Constatou-se na pesquisa *in loco* realizada pelo autor, que as Atas de Registro dos anos de 1967/68 que deveriam estar nos arquivos da Igreja localizada na Rua Treze de Maio foram extraviadas ou subtraídas.

primitiva igreja, regida pelos princípios originais do congregacionalismo, por sua vez, negaceava a igreja pastoreada por Raul Costa, lançando-a numa espécie de *apostasia*. Os indicativos da moção de medidas judicializantes para determinar a posse do Templo, levadas a efeito como já colocado anteriormente, podem ser observadas na Ata da Assembleia Extraordinária nº1, cujo trecho destacamos abaixo:

“(...) no Templo da III Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, à Rua Primeiro de Março, nº610, no Bairro de José Pinheiro, reuniu-se em Assembleia Geral Extraordinária (...) sob a presidência do Presbítero Sebastião de Sousa Lima e secretariada pela irmã Herotildes Barbosa (...) com a finalidade de ser feita uma tomada de posição em face dos graves acontecimentos que se verificam na vida da igreja. O senhor presidente informa que a Igreja se reúne nesse templo, gentilmente cedido pela III Igreja, em virtude de suas propriedades, à Rua 13 de maio, nesta cidade, se encontrarem sob o domínio de facção herética e as quais não nos era permitido o acesso. (...) até que por decisão judicial possamos entrar na posse do nosso próprio aludido acima. (...) resolveu-se que a Igreja continue com a luta na defesa dos seus direitos até a vitória final, ou quando não houver mais instâncias a apelar” (Igreja Congregacional de Campina Grande, 1967).



Figura 12: Rev. Ximenes e esposa Luisa Ximenes, 1940
Fonte: Acervo da Família Ximenes

Ainda nessa mesma sessão extraordinária, a Igreja declarava seu pastorado vago, destituindo Raul de Souza Costa da condição de seu guia espiritual. Também anularam a eleição de departamentos internos e declararam como não reconhecidas todas as medidas aplicadas pelo grupo adversário, alocado na sede da igreja, na rua 13 de maio, que afirmavam ser a I Igreja Congregacional de Campina Grande, e que permanecia sob a jurisdição eclesiástica de Raul Costa, reconhecendo como seu legítimo pastor.

Interessante notar que mesmo não detendo mais o poder do patrimônio, o grupo fundamentalista portava-se como se estivesse na condição de deliberar as decisões da igreja como um todo. Este comportamento é observado na Ata da Assembleia Ordinária nº 6, de 28 de outubro de 1967, que registra: *O senhor presidente adverte aos membros com relação à nova tática do Sr. Raul de Souza Costa, intimidando os membros a se retratarem da decisão de serem fiéis à denominação.* Observe-se que Raul Costa sequer é registrado no documento citado como *pastor*, detalhe significativo de que o mesmo não teria nenhuma autoridade sobre o grupo. Doravante, todas as atas que referenciavam os Renovacionistas passaram a tratá-los como *heréticos*⁴⁴. No mês posterior, na tentativa de uma conciliação pacífica por parte do grupo conduzido por Raul Costa, foi apresentado ao grupo tradicionalista uma proposta de acordo:

“Conversei muito com o Presbítero Euclides Gomes da Costa, que foi diretor do Colégio Pio XII, e no ano de 1967 era secretário eclesiástico e braço forte de Raul Costa. Ele me contava muitas coisas, ele me relatou que diante da possibilidade de perda do patrimônio, Raul Costa comprou uma quadra inteira no bairro do Catolé, que na época era afastado e despovoado. O mesmo ofereceu aos tradicionalistas todo o terreno, para que estes se alocassem e edificassem o próprio Templo. Mas os tradicionalistas, tomaram essa proposta como um insulto e zombaria para com eles”. (Neto, 2019)

Esta proposta foi amplamente rejeitada pelo grupo fundamentalista, que não demonstraram qualquer inclinação para um diálogo ou tentativa de amenização dos embates. Vejamos como foi registrado o momento na Ata nº 3 de 1967:

“Continuando com a palavra o Sr. Presidente fala aos irmãos sobre as frequentes propostas apresentadas pela facção herética, solicitando da assembleia um pronunciamento sobre o assunto. Vários irmãos usaram da palavra protestando a possibilidade de qualquer acordo, enquanto a questão existisse, ficando decidido que a igreja aguardaria o julgamento, sem que houvesse acordo por hipótese alguma, a decisão foi aceita por unanimidade de votos” (Igreja Congregacional de Campina Grande, 1967)

Além, dos registros de ambas as Igrejas, no ano de 1968 algumas edições do Diário da Borborema, principal veículo da imprensa campinense, apresentaram matérias abordando o cisma congregacional. Na edição de 13 de setembro de 1968 uma matéria com o título *Raul Costa: o que ocorre atualmente na Igreja Congregacional é fruto da inveja* apresentou fatos que se tornaram públicos nas disputas doutrinárias no congregacionalismo campinense e que, ao mesmo tempo, revelaram a projeção da comunidade protestante na cidade, uma vez que suas demandas e dissensões internas atraíram a imprensa local.

⁴⁴ As atas da Igreja Congregacional, ligada a UIECB no período, nos permitem observar como o discurso sobre o outro era explorado no intuito de garantir a manutenção do poder eclesiástico, aonde os termos aplicados para distinguir os grupos era *Facção fiel* ou *Facção herética*.

“Inicialmente, frisou o Pastor Raul de Souza Costa, que também é Diretor da Faculdade de Direito de Campina Grande, que ‘o que está ocorrendo atualmente na Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, é fruto de inveja de alguns elementos à minha pessoa’. Lembrou também que ‘no pastorado profícuo e fecundo do Rev. João Clímaco Ximenes, de saudosa memória, a Igreja Congregacional foi sempre próspera, por isso mesmo, foi aquele grande e consagrado servo de Deus vítima também dos ataques impiedosos, desumanos e anticristãos de alguns elementos, e até de colegas do ministério, que por mais de uma vez tentaram dividir e arrebatam o REBANHO de Deus que estava sob cuidados pastorais. Agora nestes últimos quatro anos, esta mesma igreja experimenta um crescimento e desenvolvimento espiritual, educacional e assistencial sem precedentes em toda sua história eclesiástica sob minha liderança, e toda esta cidade de Campina Grande é testemunha deste fato” (Diário da Borborema, p. 1, 13 Set. 1968).

Na matéria acima citada, o reverendo Raul Costa apontava que suas atividades pastorais, na realidade, não estavam sob questionamentos doutrinários, mas sim pela disputa de controle da comunidade protestante por grupos que, segundo ele, almejavam a direção efetiva da Igreja. Para o citado pastor, tais grupos criaram uma série de situações com o intuito de alijá-lo do cargo, sendo uma delas a comparação negativa com o respeitado pastor que o antecederia, o reverendo João Clímaco Ximenes. Era fato pacífico entre os fundamentalistas o reconhecimento dos ensinamentos de Ximenes, jubilado bem antes da chegada de Costa a Campina. Para este grupo, contudo, tais ensinamentos foram paulatinamente abandonados no pastorado de Raul Costa, enfatizando ter sido daquele pastor, exclusivamente, o *desvio* da doutrina original da igreja.

Relembremos que Ximenes, contraditoriamente, dera início ao movimento de Renovação da igreja, se considerarmos sua vida ministerial marcada pelo *pietismo*⁴⁵ como já esclarecemos em capítulo anterior deste texto, realizando as nominadas *jornadas* ao estilo Billy Graham, que atraíam grandes multidões aos locais dos cultos, inflamados bem ao estilo dos Renovacionismo. Foi na gestão de Ximenes que o número de membros se multiplicou, assim como o patrimônio da própria igreja, que passou a exhibir, além do primeiro colégio evangélico, um templo suntuoso, confortável, concorrendo com a própria catedral diocesana da cidade. Para os membros mais antigos, por conseguinte, o pastor Ximenes era tido como um ícone do congregacionalismo, ao qual respeitavam e evitavam qualquer crítica.

⁴⁵ Movimento de renovação da fé cristã que surgiu na Igreja luterana alemã em fins do Século XVII, defendendo a primazia do sentimento e do misticismo na experiência religiosa, em detrimento da teologia racionalista.



Figura 13: Rev. Raul de Souza Costa, 1969
Fonte: Acervo da Família Costa

Em oposição, acusavam Raul Costa de destruir a obra levada a efeito por Ximenes, deturpando os cultos da igreja com as prédicas do Renovacionismo e práticas da teologia pentecostal. Contudo, não se tem conhecimento de nenhum registro no qual a família Ximenes tenha se posicionado contra as doutrinas renovacionistas ou ao pastorado de Raul Costa⁴⁶. Pelo contrário, fontes orais informam de uma amizade profunda entre o último e os familiares de Ximenes que possuíam laços de parentesco uma vez que Costa era sobrinho de Luiza Ximenes, o que nos permite perceber que a declaração do excomungado pastor teria fundamento, ao apontar outras motivações além das doutrinárias para a tomada do poder pretendida pelos tradicionalistas e registradas por COSTA em suas declarações aos jornais locais, e aos quais procuraram como direito de resposta:

“Visando a opinião pública em geral e a justiça em particular, veio o Sr. Raul de Souza Costa a público para, deturpando a verdade, procurar justificar a sua atitude de apostasia da fé e repúdio aos sagrados compromissos que, ao ser ordenado Ministro da Palavra de Deus assumiu. (...) Há aproximadamente uma década surgiu no Brasil uma nova religião intitulada de ‘Movimento de Renovação Espiritual’, cuja finalidade primeira e imediata foi e é a de dividir e enfraquecer as tradicionais denominações evangélicas em geral, usurpando-lhes, se possível, os fiéis e o patrimônio. (...) essa nova religião, com características próprias, explora a credulidade pública, seja através de verdadeiros atos de curandeirismo, seja por meio de pretensas manifestações espíritas e parapsicológicas nas quais um fingido médium fica em estado de êxtase ou transe, passando ora a chorar, ora a rir, ora a imprecisar, ora a cantar, tudo desbragadamente e em altos brados, ao mesmo tempo, que se contorce, espuma e faz esgares, às vezes pronunciando coisas ininteligíveis, outras dizendo ver coisas celestiais, como anjos, o Senhor Jesus Cristo e o próprio Deus Pai” (Diário da Borborema, p. 1, 17 Set. 1968).

⁴⁶ Destacamos que, após a morte do reverendo Clímaco Ximenes, seus familiares continuaram a frequentar a igreja, sua esposa D. Luiza Barbosa Ximenes e seus sete filhos. Em 1971, a filha mais velha Carolina Ximenes, fez ampla defesa em favor de Raul Costa, contra divergências provocadas pelo missionário Gerson Barbosa de Menezes.

Essa última fala foi proferida pelo Rev. Inácio Cavalcante Ribeiro, tratando-se de direito de resposta conferido pelo Diário da Borborema. A cada passo novo que a *facção herética* dava no seguimento de suas atividades eclesiásticas, notas eram emitidas publicamente para contestação por parte da *facção fiel*, e a tentativa de influenciar a opinião pública.

“Conforme o exposto, e o oficial pronunciamento da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, pelos seus órgãos representativos, esta minoria é de fato e de direito a continuidade eclesiástica da pessoa jurídica da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, que consta de dezenas de membros ativos e 3 oficiais presbíteros que, logo pelo mandato judicial, esteja de posse de suas instalações, restaurará em toda a sua plenitude a pureza da doutrina, dos costumes, da liturgia, que sempre foram o apanágio da mesma igreja através de mais de 50 anos de sua gloriosa história nesta encantadora cidade de Campina Grande – Inácio Cavalcante Ribeiro – Presidente da UIECB” (Diário da Borborema, p. 1, 13 Set. 1967).

Como já mencionado, os pastores renovacionistas, excluídos da UIECB, com suas respectivas igrejas, reorganizaram-se em uma nova denominação congregacional, identificada por Aliança Congregacional, com sede inicial na Cidade de Campina Grande. Por sua vez, o grupo fundamentalista, viu decair sua parca comunidade de membros. Conforme a Ata nº13 das Assembleias de Membros do dia 09 de outubro de 1968, constataram o esvaziamento da membresia mesmo ano, indicando as incertezas e morosidades na resolução judicial em relação ao patrimônio da igreja como a principal motivação para o afastamento de antigos membros e a incapacidade de atração de novos convertidos em face dos escândalos.

No sentido de sanar o problema, em 1969, um dos membros do grupo de fundamentalistas e rico empresário campinense e membro da Loja Maçônica de Campina Grande, Severino Lauro, apresentou uma proposta interessante, registrada na Ata nº 20 daquele ano. No sentido de evitar o êxodo demais membros, destacava a necessidade da igreja alugasse um local no centro da cidade, de fácil acesso e melhor localização, saindo do bairro de José Pinheiro, à época considerado um reduto de marginais, dominado pela Igreja Católica⁴⁷. Para tanto, Severino Lauro comprometeu-se a custear metade das despesas com a locação do imóvel que abrigasse a igreja, além de doar bancos e um órgão para atender as celebrações. Sua proposta foi discutida em assembleia de membros e plenamente acatada, dando-se início à busca de um espaço que seria posteriormente locado na Av. João Suassuna, s/n, no Edifício Tabajara, em caráter provisório até a decisão judicial.

⁴⁷ A respeito ver ALMEIDA, Juliana Nascimento. Campina em pedaços: A tragédia da quermesse (O Zepa em 1974). Campina Grande, EDUPEB/NUPEHL, 2019.



Figura 14: Rev. Armando Torres de Vasconcelos
 Fonte: Acervo da Igreja Congregacional de Campina Grande

O grupo fundamentalista chegou a recorrer a Corregedoria do Judiciário Paraibano, solicitando celeridade do processo, engavetado há três anos. Denunciaram a influência de Raul Costa, no campo do judiciário campinense, como motivo de entrave dos trâmites processuais, assim como fato determinante na negativa do processo em primeira instância. A Ata nº23 de 1969, em informe à membresia, aponta um desagravo: *O processo foi encaminhado para a segunda instância, onde espera que seja procedido um julgamento imparcial contrário ao que se verificou nesta cidade.*

No ano de 1970, a UIECB indicou novo pastor atendendo à solicitação da Igreja fundamentalista, para assumir o pastorado efetivo, tendo em vista que o pastor Inácio Cavalcanti Ribeiro fora reconhecido como o primeiro pastor após o cisma, porém, nunca fora eleito de fato, recebeu tal honra em face do apoio aos fundamentalistas. Assumiu a igreja, como titular, o reverendo Armando Torres de Vasconcelos⁴⁸, contemporâneo de Raul Costa e companheiro de seminário (ver Figura 14) que capitaneou campanhas financeiras com o propósito construir um templo próprio, considerado imprescindível para a reconstrução do corpo de membros da igreja. Fora adquirido no início da década de 1970, uma modesta casa

⁴⁸ Rev. Armando Torres de Vasconcelos, ministro congregacional, presidiu a UIECB, atuou a frente de inúmeras comunidades congregacionais no sudeste do Brasil, dirigiu as principais instituições de ensino teológico da UIECB. Atuou nos sistemas básicos e superiores de ensino público em Campina Grande. (Cardoso, 2001)

na Av. Epitácio Pessoa, s/n no Centro da cidade, reformas foram feitas com auxílio de alguns membros para transformar a residência em um templo.

Entre a desídia judicial pelo patrimônio original dos congregacionais e a reconstrução da membresia, Rev. Armando Torres, optou pela segunda opção, pois de que valeria retornarem à Catedral Congregacional da rua Treze de Maio se não haveria um número suficiente de pessoas para ocupar seus amplos espaços?

A construção do novo templo, iniciada dois anos após a chegada do novo pastor e do início das campanhas de arrecadação, contudo, demonstram a capacidade financeira dos membros locais em alcançar este fito. O prédio erguido na Av. Epitácio Pessoa, no centro da cidade, atual prédio da Caixa Econômica Federal, foi tomada como desinteresse pela posse patrimonial do conjunto arquitetônico da rua Treze de Maio. As atas não informam a razão que fundamentou a decisão do novo pastor, além da necessidade de atração de novos membros, ação determinante para que a igreja, ligada à UIECB, não desaparecesse de vez da cidade.

A Ata nº46, de 1971, informa que, após deliberação, a igreja reorganizada decidiu por remover os termos *facção fiel* ou *facção herética*, ao referir-se a si mesma ou ao grupo renovado, o que vem a provar que o cisma de 1967 com o tempo, foi suprimindo seus efeitos e as animosidades. O mesmo documento, contudo, endossa o reconhecimento como única e verdadeira a Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande – UIECB, relegando ao esquecimento histórico de seus registros a antiga igreja da rua Treze de Maio.

Após vender o prédio na Av. Epitácio Pessoa, a Igreja Congregacional ligada a UIECB, transitou por alguns endereços, como bem apresenta seus registros de atas, tais como a Rua Arrojado Lisboa, Monte Santo e a Rua Iremar Vilarim, Centro. Em 1983 foi adquirido o terreno aonde seria erguido o novo templo (atual), localizado na Av. Janúncio Ferreira, 783 – Centro, na época denominada de Av. Cajazeiras. A venda do Templo na Av. Epitácio Pessoa, se deu em face da incapacidade daquele de comportar a quantidade de membros, que sob o pastorado de Torres, aumentou expressivamente. Não existindo espaço para ampliação do prédio para acomodar a membresia, nesse período a igreja iria reorganizar seus departamentos internos e abandonará a datação original de fundação do trabalho em Campina Grande em 1920, passando a contar cronologicamente sua existência a partir de 1967, demonstrando assim sua existência de forma continuada com o congregacionalismo histórico, porém sem vínculos lineares com o grupo renovacionista.



Figura 15: Igreja Congregacional de Campina Grande – UIECB
Fonte: Acervo da Igreja Congregacional de Campina Grande

A aquisição do terreno na Av. Janúncio Ferreira, 783 –Centro, se deu com base na atuação de comissões internas nomeadas por Armando Torres, essa comissão só efetivou a proposta de aquisição do terreno após intensas negociações com o então Prefeito Enivaldo Ribeiro, que comprometeu-se a urbanizar a região com a construção de uma belíssima avenida e canalização do córrego que por ali passava. Ponto determinante para que a igreja pudesse ali se estabelecer, promessa esta que foi devidamente cumprida. Silvino Ferreira Torquato, membro mais antigo da igreja nos relata que:

“Muitos irmãos ajudaram, vinha oferta de muitos lugares. Do Rio de Janeiro, sempre eram enviadas contribuições devido ao alto prestígio de Pr. Armando Torres, por lá! Ele tem um irmão, se chamava Manoel Torres, ele levantava essas contribuições. Os membros locais trabalharam muito também, e ajudavam na construção. O irmão Paulo Teixeira, era presidente do patrimônio, e ele fez um excelente trabalho! Tinha gente de mais condições que dava ofertas altas, como Pb. Severino Lauro, Pb. Antônio Batista Lucena e também tinha um resto de dinheiro do antigo templo da Epitácio Pessoa”. (Torquato, 2017)

O novo templo, seria inspirado nos modelos norte-americanos, conforme a Figura 15 nos mostra, contando com uma única torre frontal seguindo os padrões arquitetônicos usados pelas igrejas congregacionais nos Estados Unidos da América, nesse momento os registros da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande – UIECB, apontam uma membresia que passava dos 300 membros, sem contabilizar, frequentadores não batizados e crianças.

Sem nenhum esclarecimento perceptível nos registros da Igreja as demandas judiciais em torno da posse do templo da Rua 13 de maio foram silenciadas. Os esclarecimentos a

respeito parecem só serem possíveis com o acesso direto aos processos judiciais, o que não nos foi permitido. É possível que, em segunda instância, a igreja renovacionista tenha tido reconhecida, mais uma vez, o direito de propriedade do conjunto arquitetônico no qual tinha posse irrestrita e publicamente reconhecida. Relatos orais de antigos membros da igreja fundamentalista reafirmam esta hipótese. Nos registros internos, por sua vez, observa-se um silenciamento a respeito e nada encontramos nas atas que esclareçam o fato.

Após a década de 1970 as duas igrejas congregacionais de Campina Grande envolvidas no conflito assumiram seus diferentes caminhos, com pastorados distintos e liturgia diferenciada. Também não se cooperaram organizacionalmente em um primeiro momento, mas os ataques públicos foram extintos, ficando apenas os debates em torno das divergências teológicas nos espaços adequados para esse pleito, como conferências e concílios.

No ano de 1994, o grupo fundamentalista novamente sofreria uma nova cisão, em face das mudanças doutrinárias adotadas pela UIECB com a aprovação da Síntese Doutrinária.⁴⁹ Desta feita sem divisões no seio da membresia a Igreja desliga-se da UIECB, e cria juntamente com outras Igrejas Congregacionais de mesmo posicionamento teológico, a AIECCB - Associação das Igrejas Evangélicas Congregacionais Conservadoras do Brasil, modificando sua razão social para Igreja Evangélica Congregacional Conservadora de Campina Grande. Em 29 de agosto de 2009, a UIECB e a Aliança, assinariam o denominado Tratado de Carapibus, na cidade do Conde – PB, que marcava a reaproximação dos dois grupos divididos em 1967, e no dia 26 de março de 2010 na cidade de Belo Horizonte assinaram *Modus Vivendi*, aonde pastores e igrejas de ambos os grupos poderiam conviver e atuar de forma cooperativa e organizacional. Os fundamentalistas, agora identificados como conservadores rejeitaram o Pacto e a participação no *Modus Vivendi*. Em 25 de fevereiro de 2018, a condução pastoral do autor deste trabalho a Igreja Evangélica Congregacional Conservadora de Campina Grande, deliberou em Assembleia Extraordinária, e decidiu por desligar-se da AIECCB, não tendo mais essa igreja afinidade com os princípios e usos aplicados pelas ideias fundamentalistas, conservando seu caráter histórico e litúrgico tradicional. Em abril do mesmo ano, passou a denominar-se Igreja Congregacional de Campina Grande, atuando de forma independente conforme os princípios primitivos do congregacionalismo.

⁴⁹ Trata-se de um Documento Teológico de Caráter Confessional, que foi considerado liberal e sincrético pelo grupo fundamentalista, que interpretava que os posicionamentos pneumatológicos eram favoráveis as ideias renovacionistas de 1967. Disponível em: <https://www.uiecb.com.br/#/downloads>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutirmos os aspectos históricos de qualquer manifestação ou grupo religioso é desafiador, haja vista as inúmeras interpretações do mesmo objeto de análise, como as instáveis memórias envoltas dos acontecimentos. Historicamente ao observarmos a tradição cristã geral, veremos que desde os primórdios do cristianismo as interpretações diversas surgiam, dando abertura para inúmeros debates teológicos sediados nos conclaves, sínodos e concílios ecumênicos.

A Reforma Protestante em todas as suas fases, não rompeu com essa tradição multifacetada de interpretações, mas passou a endossar novos olhares sob a doutrina cristã, inovando na disponibilidade de seus seguidores terem acesso direto ao Livro Sagrado, sem a mediação clerical da igreja. O protestantismo criaria uma linguagem própria, com a finalidade dar sentido interpretativo de suas doutrinas aos leigos, o que modificou radicalmente sua percepção da liturgia, da música, dos ritos, dos costumes e naturalmente como veremos em Michel de Certeau (2015), irá buscar sua sobrevivência e resistência social.

O pensamento protestante assume contornos expressos no modo de vida destes, e irá refletir na cosmovisão social e projeto de vida! As missões modernas do período oitocentista não tinham apenas pretensões proselitistas, como já aventado nesta obra, em Luis Felipe de Alencastro (1997), é possível notar que os protestantes em sua maioria imigrantes conservavam uma prática religiosa que expandia-se para além de seus templos, tendo uma aplicabilidade em todas as áreas sociais, desde a política até a economia! Podemos afirmar que houve um Projeto Social Protestante para o Brasil, amplamente percebido pelo formato utilizado pelas missões protestantes e a organização de todas as tradições evangélicas no Brasil.

“A fim de compreender a conexão entre as ideias religiosas fundamentais do protestantismo ascético e as suas máximas para a conduta econômica do cotidiano, é necessário examinar com especial cuidado tais escritos, que evidentemente foram derivados da prática ministerial” (WEBER, p. 237. 2013).

Max Weber, correlaciona com exatidão o pensamento religioso do protestantismo histórico e os auspícios do capitalismo moderno. É importante perceber que foram os missionários e pastores protestantes que buscaram a edificação de sua sociedade fundamentada nos pilares do protestantismo no Brasil. Os congregacionais não são isentos dessa premissa, já que em sua teoria social defendiam para a sociedade marcas que legitimavam sua teoria social: Um governo democrático para nação, sem necessariamente ser republicano, uma economia liberal com mercado livre, e uma sociedade conservadora

fundamentada no letramento para vivenciar a mística da fé privada por meio da interpretação pessoal dos textos sagrados.

“As minorias nacionais ou religiosas, em posição de subordinação em relação a um grupo de governantes, pela sua exclusão voluntária ou involuntária das posições de influência política, são aparentemente engajadas com especial vigor nas atividades econômicas. Seus membros mais aptos buscam o reconhecimento de suas habilidades nesse campo, uma vez que não há oportunidades a serviço do Estado” (WEBER, p 14. 2013).

O protestantismo precisou se adaptar e driblar todas as dificuldades impostas por uma religião católica dominante na sociedade campinense, aonde despontaria com seu projeto social amplamente difundido por meio da Igreja Congregacional.

Vimos que a Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, marcou o início dos eventos evangélicos nesta cidade de forma singular, fazendo frente ao poderio católico e seu domínio social, os congregacionais estabeleceram o Colégio Evangélico que servia tanto a comunidade protestante como a todos os cidadãos, o cuidado assistencial aos idosos era vanguardista se considerarmos a pouca atenção que tal classe social recebia em 1950.

Engajados na busca de alfabetizar seus membros, os protestantes dominaram os meios educacionais atingindo esferas superiores, quando da atuação direta destes na Fundação da Faculdade de Direito, antiga FURNE, atual UEPB, que funcionava nas dependências do Templo Congregacional da Rua Treze de Maio. Atas da igreja do fim dos anos 40, apontam a doação pelo poder público municipal de um amplo terreno para construção do Hospital Evangélico, porém por razões desconhecidas tal empreendimento não foi consolidado.

Podemos perceber que semelhante aos métodos aplicados no contexto global, o protestantismo congregacional em Campina Grande, vislumbra a constituição de uma sociedade próspera e fortemente influenciada por sua doutrina. Tal anseio é nítido quando é empreitada a ocupação de tais espaços.

Em 1964, o Reverendo Raul de Souza Costa, foi empossado a frente da Secretária de Educação e Cultura de Campina Grande, na gestão do Prefeito Newton Rique, ficando sob sua responsabilidade a organização das comemorações alusivas ao Centenário da Cidade, ao consultarmos o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba, verificaremos que nas eleições de 1962 o Rev. João Clímaco Ximenes, concorreu galgando o cargo de vereador, pelo então PSP - Partido Social Progressista, ficando como suplente, e nas eleições de 1959, o missionário Gerson Barbosa de Menezes, concorreu para uma vaga na Câmara Municipal, pelo PSD – Partido Social Democrático. A força e influência do congregacionalismo campinense fez-se sentir nos campos políticos e econômicos campinenses, uma vez que boa parte do

empresariado ligado as atividades comerciais, industriais e de transportes eram membros da Igreja Congregacional de Campina Grande.

Os desfechos a partir de 1967, trouxeram um declínio no seio congregacional e o êxodo de muitos membros para outras ramificações evangélicas; contudo, após a superação dos pontos de divergências, e ao passar do tempo a maturação das análises em torno dos fenômenos renovacionistas, veremos que as convergências irão ser retomadas no ambiente congregacional, e como propõe ARAÚJO (2013), os excessos de ambos os lados serão suprimidos em face da busca por uma unidade eclesiológica, em que poderemos ver os princípios comuns readmitidos tais como a forma de administração eclesiástica, ou seja, igrejas democráticas respeitando-se as decisões majoritárias. Liturgias centradas na pregação bíblica, e engajamento da riquíssima tradição musical dos hinários e corais.

A partir de 1994, os dois principais grupos congregacionais, passaram a examinar com mais cautela duas posições em torno do aspecto místico da Obra do Espírito Santo, e concordam que os acontecimentos de 1967, foram resultado de um avivamento espiritual no Brasil, começando em Campina Grande. Não ignoram e reconhecem os excessos e práticas ocorridas afins de posturais pentecostais, e buscam a consolidação e expansão do congregacionalismo sem ideais fundamentalistas ou neopentecostais.

Não dispomos de números exatos de membros de ambas as igrejas, porém segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa, hoje os congregacionais estão presentes em todos os estados da federação e somam pouco mais de cento e dez mil membros dentro do cenário protestante brasileiro, segundo o censo de 2010. Igrejas congregacionais e missões das mais diversas orientações teológicas tem atuado na evangelização nacional.

Em tempos atuais ambas as igrejas têm desenvolvido suas atividades evangelísticas, atuaram conjuntamente nas comemorações dos 150 anos do congregacionalismo brasileiro, que somou festividades em todo o território nacional, em Campina Grande os atos civis e religiosos foram realizados no Parque do Povo! Os congregacionais mantêm dois seminários teológicos provendo formação de novos pastores e missionários na cidade, realizam atividades sociais e culturais voltados para todas as faixas etárias. Já elegeram prefeitos e vice-prefeitos em gestões recentes e contam com representação legislativa de membros professos na Câmara de Vereadores. A Missão Evangelizadora do Nordeste, fundada pelo Rev. João Clímaco Ximenes, continua ativa mantendo mais de quarenta trabalhos por todo território paraibano, associados a medidas sociais de auxílio aos sertanejos e combate à seca e analfabetismo.

Os congregacionais têm apoiado missões urbanas de evangelização em Campina Grande em caráter permanente e atividades dentro de espaços universitários na promoção social e evangelizadora do público universitário, além de cooperar com as atividades musicais do curso de Música da Universidade Federal de Campina Grande. Por meio da Capelânia Evangélica Hospitalar, ambas as igrejas atuam na assistência espiritual aos enfermos dos mais diversos hospitais da cidade.

Em 26 de março de 2018, a Câmara de Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro, em Sessão Solene com a presença dos presidentes da UIECB e AIECB foram comemorados os 163 anos de congregacionalismo brasileiro, corroborados pela Sessão Solene realizada na Câmara dos Deputados em Brasília no dia 24 de maio de 2018, aonde a grande contribuição do trabalho do Rev. Robert Reid Kalley, na luta pela liberdade religiosa, foi rememorada com a entrega de comendas as instituições congregacionais.

Na cidade de Campina Grande, sentimos a ausência de um reconhecimento mais expressivo pelos poderes públicos, tendo em face a grande contribuição e marca do congregacionalismo na composição social, cultural e religiosa de nossa cidade os atos limitaram-se a concessão do nome de uma rua ao Rev. Ximenes.

Inquieta-se nosso espírito ao não conseguir apontar todos os elementos desejados para esta obra, reconhecemos como bem propõe a historiografia que não podemos contar toda história. Almejamos para produções futuras obter acesso aos autos dos processos arquivados em torno de nosso recorte temático, e melhor aprofundamento das fontes disponíveis, consola-nos saber que em nossa falta outros certamente problematizaram novos olhares sobre a história do protestantismo campinense.

FONTES

FONTES ORAIS:

Severino Ferreira Torquato, 100 anos. Profissão: Funcionário Público Aposentado. Entrevistado em 10 de março de 2017.

Júlio Leitão de Melo Neto, 65 anos. Profissão: Pastor Evangélico. Entrevistado em 06 de Junho de 2019.

Hilda Barbosa Ximenes da Costa, 85 anos. Profissão: Professora Aposentada. Entrevistada em 27 de maio de 2019.

FONTES DOCUMENTAIS:

Ata n° 1 - Assembleia Extraordinária de Membros de 06 de agosto de 1927. Da Igreja Congregacional de Campina Grande – AIECB.

Ata n°1 – Assembleia Extraordinária de Membros de 07 de setembro de 1967. Da Igreja Congregacional de Campina Grande – UIECB.

Ata n°3 – Assembleia Ordinária de Membros de 25 de outubro de 1967. Da Igreja Congregacional de Campina Grande – UIECB.

Ata n° 6 – Assembleia Ordinária de Membros de 28 de outubro de 1967. Da Igreja Congregacional de Campina Grande – UIECB.

Ata n°13 – Assembleia Ordinária de Membros de 13 de setembro de 1968. Da Igreja Congregacional de Campina Grande – UIECB.

Ata n°23 – Assembleia Extraordinária de Membros de 02 de janeiro de 1969. Da Igreja Congregacional de Campina Grande – UIECB.

Diário da Borborema, p. 1, 13 set. 1967.

_____,p. 1, 17 set. 1967.

Resultado das Eleições 1963 na Paraíba. Tribunal Regional Eleitoral – PB. Disponível em: <<http://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

Estatuto da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande – AIECB.

Estatuto da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande – UIECB.

FONTE BIBLIOGRÁFICA:

FORSYTH, William B. Jornada no Império: Vida e Obra do Dr. Kalley no Brasil. 1. ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006.

Memória Escrita do Pb. Osmar Carneiro, 1967. Disponível em: <https://igrejacongregacional.org.br/?page_id=38reformas>. Acesso em: 08 jun. 2019.

FONTES ICONOGRÁFICAS:

| | |
|--|----|
| Figura 1: Navio Great Western, 1855 | 23 |
| Figura 2: Rev. Robert Kalley, 1840 | 25 |
| Figura 3: Sarah P. Kalley, 1859 | 29 |
| Figura 4: Primeiro Templo Congregacional de Campina Grande | 33 |
| Figura 5: Primeira Reforma do Templo Congregacional. | 36 |
| Figura 6: Cruzada Cristo Esperança Nossa, 1960 | 37 |
| Figura 7: Última Reforma do Templo Congregacional, 1963 | 38 |
| Figura 8: Reunião de Busca da Renovação, 1967 | 41 |
| Figura 9: Rev. Inácio Cavalcante Ribeiro, 1968 | 46 |
| Figura 10: Casa Pastoral e Asilo Evangélico | 49 |
| Figura 11: Igreja Congregacional de José Pinheiro, 1968 | 50 |
| Figura 12: Rev. Ximenes e esposa Luisa Ximenes, 1940 | 51 |
| Figura 13: Rev. Raul de Souza Costa, 1969 | 54 |
| Figura 14: Rev. Armando Torres de Vasconcelos | 56 |
| Figura 15: Igreja Congregacional de Campina Grande – UIECB | 58 |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Violar memórias e gestar histórias.** Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. Revista Clio – Série História do Nordeste. Nº 15, 1994.

ALENCASTRO, Luis Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. Caras e Modos dos Migrantes e Imigrantes. In: NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil, Vol II.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil, Vol II.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997

ARAÚJO, Rosivaldo de. **Ninguém detém! É obra santa: Uma análise da história do movimento de renovação espiritual no nordeste do Brasil e autobiografia.** 1. ed. Brasília: Lerban, 2013.

BARROS, José D' Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História.** Petrópolis: Vozes, 2005.

BARRET, Matthew. **Teologia da Reforma.** 1. ed. Rio de Janeiro: Vida Melhor Editora S.A, 2017.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática.** 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

CÉSAR, Salustiano Pereira. **O Congregacionalismo no Brasil: Fatos e Feitos Históricos.** 1. ed. Rio de Janeiro: Publicação Própria, 1983.

CARDOSO, Douglas Nassif. **Robert Reid Kalley: Médico, Missionário e Profeta.** 1. ed. São Bernardo do Campo: Ultimato, 2001.

CERTAU, Michel. **A Escrita da História.** 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CRUBELATI, Ariele Mazoti; COSTA, Célio Juvenal. **O Fazer Historiográfico na Nova História Cultural.** Artigo Científico (Seminário de Pesquisa PPP 07 à 09 de mai. 012) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá. p, 2. 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações.** 2.ed. Petrópolis: Pergámo Press, 2002.

_____. **Formas e Sentido.** 1.ed. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

DREHER, Martin. **A Reforma e as Reformas.** 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/573160-a-reforma-e-as-reformas>>. Acesso em: 18 mai. 2019.

FORSYTH, William B. **Jornada no Império: Vida e Obra do Dr. Kalley no Brasil.** 1. ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006.

GOMES, Joelson. **Os Congregacionais: Uma história da tradição congregacional.** 1. ed. João Pessoa: Moura Ramos Gráfica e Editora, 2017.

GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo: A era dos reformadores até a era inconclusa.** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

_____. **Calvinismo, As Institutas e a Reforma Protestante.**

Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/calvinismo/calvinismo_justo.htm. Acesso em: 25 mai. 2019.

GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre. **História: Novas Abordagens.** 3.ed. Rio de Janeiro: Alves, 1988.

_____. **História e Memória.** 2.ed. Campinas: Editora Unicamp, 1992,.

CAMPOS Jr, Idauro de Oliveira Campos. **Os Congregacionais: Origem, inserção e contribuições.** 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/os-congregacionais-origem-insercao-e-contribuicoes/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

LÉONARD, Émile. **Protestantismo e História: Brasil e França na visão de Émile Léonard.** 1. ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.

LEONEL, João. **História da Leitura e Protestantismo Brasileiro.** 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.

LEWIS, Paul N. **Renovação na Igreja Brasileira.** 1. ed. Americana: Impacto Publicações, 2013.

MATOS, Alderi Souza. **Robert Kalley, o precursor do evangelho no Brasil.** 2010. Disponível em: <http://mtumanovaidentidade.blogspot.com/2010/04/licao-15-robert-reid-kalley.html>. Acesso em: 08 de Jun. 2019.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã.** 13. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

ROCHA, João Domes da. **Lembranças do Passado: Dr. Robert Reid Kaley.** 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Sacro Império Romano-Germânico.** 2015. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/romana/sacro-imperio-romano-germanico.htm>. Acesso em: 4 abril. 2019.

SOUZA, Claudenor Gomes. **João Clímaco Ximenes: Sua Vida, Sua Obra.** 1. Ed. Campina Grande: Publicação Própria.

SYLVESTRE, Josué. **Fatos e Personagens de perseguição a evangélicos: Antes que as marcas se apaguem.** 3. ed. Campina Grande: Visão Cristocêntrica Publicações, 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** – História oral. São Paulo: Paz e terra, 1988.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** 5.ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.